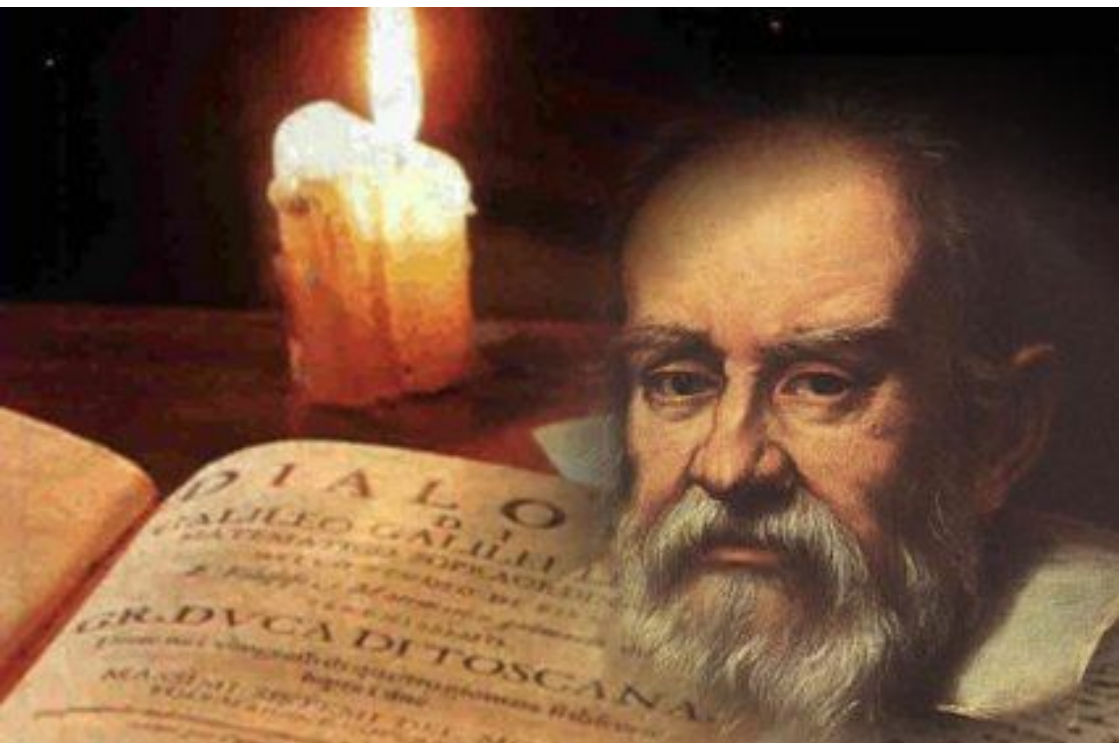


PAULO EDUARDO DE OLIVEIRA



## HISTÓRIA E FILOSOFIA DAS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO



Faculdade Cenecista de Campo Largo

© Copyright 2013  
FACECLA – Faculdade Cenecista de Campo Largo  
Rua Rui Barbosa, 541  
Campo Largo – PR  
CEP: 83601-140  
www.facecla.com.br

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo de.

*História e Filosofia das relações entre Ciência e Religião.* Campo Largo: FACECLA, 2013.

Inclui bibliografias  
ISBN 978-85-62227-03-5

1. Filosofia. 2. História da Ciência. 3. Filosofia da Religião.  
4. Filosofia da Ciência.

CDD 100

Este estudo nasceu de um estágio de pós-doutorado que fiz na Universidade Federal do Paraná, entre os anos de 2011 e 2012, no Programa de Pós-Graduação em História, sob a orientação do Prof. Dr. Euclides Marchi, a quem quero expressar minha profunda gratidão e meu reconhecimento.

## SUMÁRIO

Introdução	4
1. Das relações entre Ciência e Religião: o caso da física e da biologia modernas	11
2. Aspectos histórico-filosóficos da teoria copernicana	15
3. O caso de Galileu Galilei	23
4. A teoria evolucionista de Charles Darwin	50
5. A situação histórico-filosófica do pensamento de Teilhard de Chardin	68
6. Acenos para uma nova posição da Igreja Católica diante de Galileu e Teilhard de Chardin	82
7. Para concluir	110
Referências	112

## INTRODUÇÃO

A análise histórica e filosófica das relações entre ciência e fé é de inquestionável atualidade, além do que ela inclui questões fundamentais a serem discutidas sob a perspectiva da filosofia da ciência ou da epistemologia, de um lado, e da própria historiografia, de outro. Questões fundamentais da cultura moderna e contemporânea se desenvolveram na esteira do entrelaçamento ou dos conflitos entre as crenças religiosas e o conhecimento científico. De Galileu a Darwin, da teoria da relatividade à descoberta do genoma, dos processos da Inquisição ao Concílio Ecumênico Vaticano II percebe-se um movimento profundo de renovação das discussões sobre o tema. Os recentes desafios teóricos da bioética (no que diz respeito ao uso de células tronco, para citar apenas um exemplo) fizeram confluír, numa mesma arena, discursos científicos e religiosos cujos desdobramentos implicam em consequências decisivas para a sociedade.

A questão não é apenas histórica e política, nem tão somente teológica, mas também epistemológica. De fato, a partir do surgimento da filosofia da ciência, no início do século XX, as novas posições teóricas face ao alcance e aos limites do saber científico também imprimem novas maneiras de se compreender em que medida a ciência e a religião podem dialogar e conviver. Neste sentido, ganham destaque as contribuições de Karl Popper<sup>1</sup> e de Thomas

---

<sup>1</sup> Considerar, sobretudo, as seguintes obras: POPPER, Karl. **Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975; **Conjecturas e refutações: pensamento científico**. 2 ed. Brasília:

Kuhn<sup>2</sup> para a compreensão da ciência no cenário das mais recentes revoluções científicas (a teoria da relatividade e a física quântica, para citar os domínios em que estes filósofos se ativeram).

Neste contexto, não se pode negar que a marca notória do pensamento moderno é a *secularização*: o saber científico e as principais expressões da cultura vão se distanciando, paulatinamente, da tutela religiosa da Igreja. Com o positivismo de Augusto Comte, o processo de secularização moderno da ciência alcançou expressão máxima, sendo que ele desempenhou papel fundamental no processo de separação entre ciência e fé<sup>3</sup>. Depois de Comte, não causa estranheza o desdobramento do ateísmo, sobretudo nas suas manifestações filosóficas expressas em Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud, figuras que, em seus campos, deram os contornos do pensamento contemporâneo. Para Feuerbach, não é Deus quem criou o homem, mas o homem quem criou Deus<sup>4</sup>. E mais: no pensamento de Feuerbach fica clara a seguinte tese: “Se Deus é tudo, o homem não é nada; para que o homem seja, é preciso que Deus seja negado”<sup>5</sup>. Deus nada é além de uma ideia forjada pelo homem, que não encontra correspondência numa

---

Universidade de Brasília, 1982; **O mito do contexto: em defesa da ciência e da racionalidade**. Lisboa: Edições 70, 1999.

<sup>2</sup> Ver, sobretudo, os seguintes trabalhos: KUHN, Thomas S. **A tensão essencial**. Lisboa: Edições 70, 1989; e, ainda, **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>3</sup> COMTE, Augusto. **Catéchisme positiviste**. Paris: Garnier-Flammarion, 1966 e, também, **Cours de philosophie positive**. Paris: Librairie A. Hatier, 1941.

<sup>4</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papirus, 1989 e, também, *A essência do cristianismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. Sobre o ateísmo de Feuerbach, ver ROVIGHI, Sofia Vanni. **La filosofia e il problema di Dio**. Milano: Vita e Pensiero, 1986, p. 160-166.

<sup>5</sup> ROVIGHI, Sofia Vanni. **La filosofia e il problema di Dio**. Milano: Vita e Pensiero, 1986, p. 167.

realidade prévia, concomitante ou consequente<sup>6</sup>. Marx, por sua vez, é profundamente influenciado pelo pensamento de Feuerbach, chegando a afirmar que a religião é ópio do povo<sup>7</sup>. Ela se constitui como um dos *aparelhos ideológicos* que serve para manter a estrutura social de opressão. Para Nietzsche, “o maior acontecimento recente” é o fato “de que Deus está morto, de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito”<sup>8</sup>. Nietzsche afirma que a religião desumaniza, porque torna o homem submisso e escravo, preso à moral do servo. Freud exerceu grande influência sobre o pensamento e a cultura contemporâneos, não deixando de alimentar as suas tendências ateístas, na medida em que considera a religião um efeito patológico dos processos inconscientes<sup>9</sup>.

Contudo, apesar da forte tendência secularizante e ateísta, a contemporaneidade tem verificado um movimento intelectual de tentativa de reconstrução das relações entre a ciência e a fé. É neste contexto que se pode tentar compreender a razão de Albert Einstein, um dos mais conhecidos e importantes cientistas do século XX, exibir sua sensibilidade para com as crenças religiosas<sup>10</sup>. Por sua vez, Bertrand Russell, destacado filósofo que se considerava ateu, afirmava que as figuras mais expressivas da

---

<sup>6</sup> ALONSO, Adolfo Muñoz. **Dios, ateísmo y fe**. Salamanca: Sígueme, 1972, p. 133.

<sup>7</sup> MARX, Karl. **Crítica da filosofia de Hegel**. Lisboa: Presença, s/d. Para uma análise do ateísmo marxista, ver: BAGOLINI, L. e outros. **II problema deel'ateísmo**. Brescia: Morcelliana, 1966, p.188-195.

<sup>8</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, § 343.

<sup>9</sup> FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Ver também a análise crítica do tema em WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião**: Oskar Pfister e autores contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 2003.

<sup>10</sup> Cf. GARBEDIAN, H. Gordon; TAHAN, Malba. **Einstein: o criador de universos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942; ROBINSON, Andrew. **Einstein: os 100 anos da teoria da relatividade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005; LIEBER, Lillian R. **The Einstein theory of relativity**. New York: Rinehart, 1945.

humanidade “sentiram a necessidade tanto da ciência quanto do misticismo: a tentativa de harmonizar os dois foi o que fez a sua vida”<sup>11</sup>. Além disso, ele se sentiu na necessidade de explicitar as razões de sua não crença<sup>12</sup>.

Por parte da Igreja Católica, o empenho para reatar os vínculos entre ciência e fé também se faz sentir. A reabilitação de Galileu e a consciência dos erros da Igreja naquele processo são um indicativo importante. Da mesma forma, a reconsideração da situação canônica de Pierre Teilhard de Chardin, assim como uma visão mais positiva da Igreja em relação à teoria da evolução de Darwin. No pontificado de João Paulo II, a publicação da Encíclica *Fides et Ratio* (Sobre as relações entre Fé e Razão), em 1998, parece ser um marco considerável<sup>13</sup>. Estes são alguns sinalizadores de que a Igreja Católica conserva a convicção de que ciência e fé podem (e devem) dialogar. Nas palavras de Teilhard de Chardin, “após quase dois séculos de lutas apaixonadas, nem a Ciência nem a Fé conseguiram diminuir-se uma à outra; mas, muito pelo contrário, torna-se patente que não se poderiam desenvolver normalmente uma sem a outra: e isto pela simples razão de que uma mesma vida anima a ambas”<sup>14</sup>.

Ajudar a compreender estes movimentos, suas razões históricas e seus pressupostos filosóficos é, pois, a razão deste livro. Assim, o presente estudo objetiva analisar as relações entre a Igreja Católica e as “instituições científicas”, a partir da Modernidade, sublinhando-se dois

---

<sup>11</sup> RUSSELL, Bertrand. **Misticismo e lógica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1957, p. 9. O autor cita Heráclito e Platão como os dois maiores exemplos de pensadores que conseguiram a combinação íntima entre a razão e a crença, p. 10 e 11.

<sup>12</sup> RUSSELL, Bertrand. **Why I am not a Christian** (tradução italiana: **Perché non sono Cristiano**). Milano: Longanesi e C, 1973).

<sup>13</sup> JOÃO PAULO II. **Encíclica Fides et Ratio**. Roma, 1998.

<sup>14</sup> CHARDIN, Teilhard de. **O Fenômeno Humano**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 324.



casos em particular: de um lado, o de Galileu (1564-1642), no que tange às discussões acerca da física copernicana em contraposição ao modelo do geocentrismo ptolomaico; de outro lado, o caso de Teilhard de Chardin (1881-1955), no que respeita à sua posição em relação à teoria da evolução de Darwin.

O trabalho pretende mostrar o movimento de rejeição-aceitação por parte da Igreja das posições teórico-científicas em questão, lançando luz sobre a dinâmica das relações entre a religião católica e as instituições da ciência moderna. O ponto de partida da análise será o contexto do fim da cristandade e do nascimento da ciência moderna, cujo episódio mais significativo pode ser encontrado no processo de Galileu. A análise da posição da Igreja Católica, naquele período, em relação à teoria heliocêntrica de Copérnico, será o pano de fundo para a discussão da situação de Galileu. Neste sentido, serão investigados elementos histórico-conceituais da doutrina católica que levou à adoção de medidas de rejeição das “novas teorias científicas”, como a publicação do *Index Librorum Prohibitorum*, criado em 1559, pelo Concílio de Trento, e o fortalecimento dos mecanismos de controle do Santo Ofício ou Inquisição.

De outra parte, no que diz respeito ao pensamento de Teilhard de Chardin, o estudo mostrará como a Igreja Católica se posicionou inicialmente em relação à teoria darwiniana da evolução e, em decorrência disso, como entendeu, avaliou e adotou posição em relação ao padre jesuíta Teilhard de Chardin.

Por fim, o estudo pretende mostrar a atitude de “renovação” da Igreja Católica em face das suas relações com a ciência, sobretudo a partir do pontificado de João Paulo II (1978-2005), sua posição de reconhecimento dos “erros da Igreja” em relação ao processo de Galileu, sua simpatia pela filosofia de Chardin e sua doutrina

conciliatória entre ciência e fé, expressa, sobretudo, na Encíclica *Fides et Ratio* (1998).

O trabalho, como um todo é perpassado pela busca da compreensão dos processos de subjetivação na construção dos diferentes discursos, seja no campo da teologia ou da eclesiologia, seja na área do pensamento científico ou epistemológico. Esperamos que nossa análise possa oferecer alguma contribuição para todos aqueles que se dedicam a aprofundar as temáticas aqui apresentadas.

## 1. DAS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO: O CASO DA FÍSICA E DA BIOLOGIA MODERNAS

As relações entre ciência e religião, no contexto do final da Idade Média e do início da Era Moderna, podem ser compreendidas, de modo mais significativo, a partir da análise da postura da Igreja da Católica, de modo especial, diante de duas importantes teorias científicas modernas:

a) a teoria heliocêntrica, proposta por Copérnico no final século XV, e demonstrada por Galileu, no século XVII;

b) a teoria da evolução, elaborada com mais vigor por Darwin, no século XIX, e defendida, entre outros, pelo padre jesuíta Pierre Teilhard de Chardin (século XX).

Não são questões simples, nem tampouco de valor reduzido, pois trata-se do enfrentamento de duas novas ciências – a mecânica e a biologia – cujos resultados teóricos e experimentais causaram grande impacto na construção do pensamento moderno, em todas as suas manifestações. Na expressão de Thomas Kuhn<sup>15</sup>, trata-se de dois novos *paradigmas*, segundo os quais vai se desenrolar todo o processo de construção da cosmovisão moderna,

---

<sup>15</sup> KUHN. Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

marcadamente cientificista e secularista <sup>16</sup>. Trata-se, também de dois campos específicos do saber científico moderno, cujo alcance engloba, por assim dizer, toda a *realidade natural*. Daí a importância dos temas, cujo reflexo será sentido na elaboração das novas concepções de homem, de sociedade, de cultura e da própria história.

Segundo Reale, “a teoria da evolução representou, no século passado [século XIX], fenômeno análogo ao que, alguns séculos antes, acontecera na astronomia com Copérnico: verdadeira *revolução científica*, fecunda de grandes desdobramentos”<sup>17</sup>. Não se trata apenas de duas teorias alternativas, em paralelo com outras visões do mundo e da natureza humana. Ao contrário, são teorias que obrigam a uma revisão completa do modo como se compreende a mesma realidade. Com efeito, continua Reale,

com o evolucionismo desapareceu a imagem milenar do homem, imagem encarnada na teoria fixista, que falava de espécies fixas e imutáveis, existentes desde a criação. E se, com Copérnico, a revolução astronômica reorganiza a *ordem espacial*, dando à Terra e ao homem lugar bem diferente de antes no universo, com Darwin, a revolução biológica reorganiza a *ordem temporal* do homem. Com Copérnico e Darwin, em substância, muda a teoria relativa ao *lugar do homem na natureza*<sup>18</sup>.

A partir deste pano de fundo epistemológico e cultural, pode-se compreender a importância histórica e

---

<sup>16</sup> Usamos o conceito “secularista” na sua acepção etimológica, ou seja, designando aquelas realidades relacionadas ao “mundo”, em detrimento das preocupações espiritualistas típicas da Idade Média.

<sup>17</sup> REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, vol. 3, p. 371.

<sup>18</sup> REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, vol. 3, p. 371.

filosófica de Galileu e Teilhard de Chardin. Eles correspondem, respectivamente, às personalidades do mundo das ciências que adotaram a visão de Copérnico e a de Darwin e, além disso, que enfrentaram os difíceis problemas daí resultantes em relação aos seus posicionamentos diante da tradição e da autoridade eclesiástica, em especial quanto à Igreja Católica. Com efeito, tanto Galileu quanto Teilhard de Chardin, cada um a seu tempo e a seu modo, foram investigados e censurados pelas autoridades eclesiásticas de Roma. Nesse sentido, seus “casos” tornaram-se emblemas históricos das relações entre ciência e religião, de modo a tipificar as posições eclesiásticas, permitindo-nos tecer uma linha de análise histórico-filosófica da questão. Tais processos investigativos e de controle, que culminaram em sanções longas e dolorosas, evidenciam o profundo choque de mentalidade entre a tradição escolástica, defendida pela Igreja, e as novas conquistas teóricas da ciência e filosofia modernas.

Não há como ocultar a linha direta que une o desfecho histórico que envolveu Galileu e Teilhard de Chardin. O próprio padre Teilhard de Chardin avalia sua situação de continuador do processo histórico iniciado por Galileu, quando escreve: “Eis-nos novamente na situação de Galileu; não se trata, porém, do movimento físico da Terra, mas do movimento mental do Homem” (Carta de 2 de janeiro de 1949)<sup>19</sup>.

O presente estudo visa analisar precisamente estes acontecimentos, à luz da História da Igreja e da História do Pensamento Filosófico, a fim de elucidar dois movimentos bem estabelecidos: num primeiro momento, a rejeição das teses defendidas por Galileu e Teilhard de Chardin; e, por fim, uma nova postura da Igreja, com reconhecida abertura

---

<sup>19</sup> As cartas de Teilhard de Chardin, citadas neste trabalho, são informadas conforme as citações de ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999.

ao diálogo e disposição para aceitar os avanços e as conquistas da ciência moderna.

## 2. ASPECTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS DA TEORIA COPERNICANA

Nicolau Copérnico (1473-1518) conquistou seu lugar na história do pensamento ocidental em razão de ter oferecido interpretação alternativa ao dominante sistema aristotélico-ptolomaico. Para alguns historiadores da ciência, “Copérnico começa onde Ptolomeu havia parado”<sup>20</sup>. De acordo com tal sistema, a Terra situa-se no centro do universo, universo este que é finito e limitado pela esfera das estrelas fixas. Neste sistema, o movimento natural dos corpos celestes (das esferas, dos planetas e também da Lua) é um movimento uniforme, diferentemente do movimento dos corpos do mundo sublunar, que não é uniforme mas retilíneo acelerado, tendo como direção o centro da Terra<sup>21</sup>. Em geral, como atesta Reale, os contemporâneos de Copérnico

aceitavam o sistema aristotélico como descrição verdadeira do sistema do mundo e o sistema ptolomaico como instrumento de cálculo para explicar e prever os movimentos celestes, permanecendo firmes, obviamente, os núcleos comuns dos dois sistemas, vale dizer, a imobilidade e a centralidade da Terra, a perfeição do movimento circular e a finitude do universo, todas ideias enquadradas no

---

<sup>20</sup> ÉVORA, Fátima Regina Rodrigues. **A revolução copernicana-galileana: astronomia e cosmologia pré-galileana**. Vol 1. Campinas: UNICAMP, 1988, p. 55.

<sup>21</sup> REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, vol. 2, p. 215.

pressuposto de que Deus havia criado um universo em função do homem, colocado no centro do universo inteiro<sup>22</sup>.

Note-se que a questão não é simplesmente cosmológica, mas implica a construção e admissão de concepções de natureza antropológica, metafísica e teológica que envolvem toda a mentalidade medieval, sobretudo no período dominado intelectualmente pela escolástica. Com efeito, a predominância do pensamento aristotélico, típico da escolástica e base do pensamento de Santo Tomás de Aquino, oferece as condições para que o sistema geocêntrico seja plenamente aceito e defendido como correspondência à realidade e, portanto, como critério de verdade.

Copérnico tem consciência de que suas ideias contrariam a opinião geral e podem, com efeito, ser motivo de condenação. De fato, no "Prefácio" à sua principal obra *As revoluções dos orbes celestes* (1593), dedicado ao Papa Paulo III, o matemático polonês afirma:

Seguramente bem posso, Santíssimo Padre, ter a certeza de que certas pessoas, ao ouvirem dizer que eu atribuo determinados movimentos ao globo terrestre, nestes meus livros escritos acerca das revoluções das esferas do Universo, imediatamente não de gritar a necessidade de eu ser condenado juntamente com tal opinião<sup>23</sup>.

Copérnico também demonstra ter consciência de que sua teoria pode apresentar contraste com certas interpretações de determinadas passagens da Bíblia, mas parece estar convencido de que suas observações poderão

---

<sup>22</sup> REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, vol. 2, p. 215.

<sup>23</sup> COPÉRNICO, Nicolau. **As revoluções dos orbes celestes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 5.



relativizar tal problema. É isso que se depreende desta passagem:

E se, por acaso, houver vozes loucas que apesar de ignorarem totalmente as Matemáticas se permitam, mesmo assim, um julgamento acerca destas lucubrações e ousem censurar, atacando o meu trabalho a pretexto de algum passo da Escritura, malevolamente distorcido em vista ao meu propósito, eu não lhes dou importância nenhuma, a ponto de desprezar até o seu juízo como temerário<sup>24</sup>.

Aqui pode-se notar já um aceno para as posições que Galileu vai adotar nas suas *quatro cartas copernicanas*, das quais nos ocuparemos mais à frente, em que o matemático de Pisa insiste na necessidade de se dar correta interpretação aos textos sagrados que dizem respeito ao movimento da Terra. Outra tradução mostra que Copérnico refere-se a “algum trecho da Escritura inabilmente interpretado”<sup>25</sup>: este é, pois, o ponto principal dos argumentos de Galileu nestas cartas. E, como veremos, é também a partir desta questão que se desenrolam os incidentes de Galileu com a Inquisição, uma vez que ele assume para si a tarefa de sugerir à Igreja como se deve interpretar corretamente o texto bíblico. O confronto entre a ousadia do cientista e a posição dogmática dos teólogos romanos não poderia resultar senão na condenação das ideias de Galileu, como veremos.

Voltemos à questão copernicana. De fato, a proposição do heliocentrismo não tinha consistência com certas passagens bíblicas, consideradas irrefutáveis e absolutamente verdadeiras: este era o núcleo do problema.

---

<sup>24</sup> COPÉRNICO, Nicolau. **As revoluções dos orbes celestes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 10.

<sup>25</sup> REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1990, vol. 2, p. 222.

Os principais trechos da Sagrada Escritura que acenavam para o conflito com a tese heliocêntrica, pois afirmavam ou denotavam a mobilidade do sol e a estabilidade da terra, eram os seguintes:

a) "Ali [Deus] pôs uma tenda para o sol, e ele sai, qual esposo da alcova, como alegre herói, percorrendo o caminho" (Salmo 18,5b-6)<sup>26</sup>;

b) "Assentaste a terra sobre suas bases, inabalável para sempre e eternamente" (Salmo 103,5);

c) "Tremei diante dele, ó terra inteira! Ele fixou o universo, inabalável" (I Crônicas 16,30);

d) "Uma geração, uma geração vem, e a terra sempre permanece. O sol se levanta, o sol se deita, apressando-se a voltar ao seu lugar e é lá que ele se levanta" (Eclesiastes 1,4-5);

e) "Foi então que Josué falou a Iahweh, no dia em que Iahweh entregou os amorreus aos filhos de Israel. Disse Josué na presença de Israel: 'Sol, detém-te em Gabaon, e tu, Lua, no vale de Aialon!'" (Josué 10, 12).

De fato, estes textos dão apoio ao sistema astronômico de Ptolomeu e Aristóteles, segundo o qual a terra é fixa e o sol se move em seu curso diário de leste a oeste. Em razão de uma tradição exegética que privilegiava o sentido literal do texto Bíblico, é compreensível, portanto, que o heliocentrismo e a teoria da mobilidade da terra gerassem acaloradas controvérsias teológicas.

Note-se, porém, que a oposição ao sistema de Copérnico, no início, não vinha da Igreja Católica. Ao contrário, "o antagonismo dos reformadores protestantes foi

---

<sup>26</sup> Utilizamos-nos da tradução apresentada na **Bíblia de Jerusalém** (São Paulo: Paulinas, 1985).

o primeiro a erguer-se com grande vigor”<sup>27</sup>. Lutero havia declarado que Copérnico era um “astrólogo vigarista”<sup>28</sup>.

Há um fato importante que se deve considerar aqui: a introdução à obra copernicana *As revoluções dos orbis celestes*, intitulada “Ao leitor, sobre as hipóteses desta obra”, foi escrita, sem o conhecimento de Copérnico, por Andreas Osiander (1498-1552), ou Osiandro, conforme algumas traduções. Osiander foi um editor de tradição protestante, a quem se deve a publicação da obra copernicana. Na referida “Introdução”, o autor, então anônimo, escreve que a obra deve ser considerada apenas como uma hipótese matemática, a fim de permitir certos cálculos, necessários para a construção de calendários e para a explicação das experiências de senso comum sobre o movimento do sol e a mobilidade da terra. Trata-se, pois, de uma *interpretação instrumentalista*<sup>29</sup> da teoria de Copérnico, visão esta que talvez tenha impedido a condenação imediata do livro. Com efeito,

no século XVII, era possível ser copernicano e não afrontar o tradicionalismo das universidades (dos filósofos e dos teólogos) ou dos agentes da Contra-Reforma. Bastava não ser um realista como Galileu, isto é, bastava juntar-se ao entendimento tradicional de que, qualquer que fosse a Astronomia, ela não descrevia a realidade efetiva do mundo<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 274.

<sup>28</sup> TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 274.

<sup>29</sup> MARICONDA, Pablo Rubén e VASCONCELOS, Júlio. **Galileu e a nova física**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p. 98.

<sup>30</sup> MARICONDA, Pablo Rubén e VASCONCELOS, Júlio. **Galileu e a nova física**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p. 97.

É precisamente este o teor da “Introdução” redigida por Osiander. Eis o texto:

Não duvido de que certos eruditos, pela fama já divulgada acerca da novidade das hipóteses desta obra, onde se afirma que a Terra se move e o Sol está imóvel no centro do Universo, se tenham sentido gravemente ofendidos e julguem que não convém lançar a confusão nas artes liberais, há muito constituídas com exatidão. Contudo, se quiserem examinar cuidadosamente a veracidade do assunto, verificarão que o autor desta obra nada fez que mereça repreensão, pois é próprio do astrônomo compor a história dos movimentos celestes, servindo-se de observação diligente mas engenhosa e, se não puder de modo nenhum descobrir as suas leis ou hipóteses verdadeiras, conceber ou imaginar quaisquer outras a partir das quais, segundo os princípios da Geometria, esses movimentos se possam calcular com exatidão, tanto em relação ao futuro como ao passado. Ora este investigador alcançou um e outro destes objetivos de modo notável. Nem tampouco é necessário que estas hipóteses sejam verdadeiras nem até sequer verossímeis, mas bastará apenas que conduzam um cálculo conforme às observações, a não ser que se dê o caso de haver alguém tão ignorante em Geometria e em Ótica que considere verossímil o epiciclo de Vênus ou pense que esta é a razão por que ela umas vezes precede o Sol e outras o segue a uns quarenta graus ou mais. Mas, admitindo isto, quem não verá que necessariamente se segue ser o diâmetro deste astro mais de quatro vezes maior no perigeu do que no apogeu, e a sua área mais de dezesseis vezes? Contudo, a experiência de todas as épocas contradiz esta conclusão. Há ainda nesta ciência outras afirmações tão absurdas, que se torna absolutamente desnecessário abordar neste momento. No entanto, é bem evidente que esta ciência ignora pura e simplesmente as causas dos

movimentos aparentemente não uniformes. E se imagina algumas, pois certamente imagina muitas, não o faz de maneira nenhuma com o objetivo de persuadir alguém de que as coisas são assim, mas apenas para conseguir uma base correta de cálculo. Como, porém, se apresentam por vezes diferentes hipóteses para explicar um e mesmo movimento, por exemplo, a excentricidade e um epiciclo para o movimento do Sol, o astrônomo preferirá aquela que for mais fácil de compreender. Um filósofo procurará talvez mais a aparência da verdade, mas nenhum dos dois atingirá ou transmitirá algo de certo a não ser que estas novas hipóteses, entre tantas outras antigas, em nada mais verossímeis, se tornem conhecidas, sobretudo porque são admiráveis e, ao mesmo tempo, fáceis, trazendo consigo ingente tesouro de observações doutíssimas. E ninguém espere da Astronomia qualquer coisa de certo no que respeita a hipóteses porque ela nada pode garantir como tal. Assim não se afastará desta ciência mais ignorante do que veio, como aconteceria se tomasse como verdadeiras meras hipóteses. Adeus<sup>31</sup>.

Este texto parece ter conseguido realizar o objetivo de seu autor. De fato, como afirma Reale, “a teoria copernicana não ganhou de imediato muitas aprovações, nem mesmo entre os astrônomos, que adotaram o sistema *matemático copernicano*, negando-lhe a veracidade física”<sup>32</sup>, seguindo basicamente a sugestão de Osiander. Mas, continua Reale, “de todo modo, porém, Copérnico não foi rejeitado: a adoção dos cálculos copernicanos por parte de diversos astrônomos permitiu precisamente a *infiltração* da

---

<sup>31</sup> COPÉRNICO, Nicolau. **As revoluções dos orbes celestes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 1-2.

<sup>32</sup> REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, vol.2, p. 227, grifo no original.

teoria copernicana nas fileiras de seus opositores”<sup>33</sup>. Para Alexandre Koyré, destacado historiador da ciência, “os argumentos de Copérnico são muito fracos. Porém, contêm em si os germes de uma nova concepção que será desenvolvida por pensadores que o sucederão”, especialmente Galileu<sup>34</sup>. E continua:

Os argumentos de Copérnico são baseados numa concepção mítica da ‘natureza comum da Terra e das coisas terrestres’. A ciência posterior deverá substituí-la pelo conceito de sistema físico, de um sistema de corpos que tenham o mesmo movimento. Ela deverá apoiar-se na relatividade *física*, e não *ótica*, do movimento<sup>35</sup>.

O principal problema que a teoria de Copérnico enfrentou, de imediato, foi a “falta de evidência empírica em favor de suas hipóteses”<sup>36</sup>. Assim, não sofreu nenhum tipo de censura nem reprovação até o momento em que as evidências começaram a aparecer.

---

<sup>33</sup> REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, vol.2, p. 227, grifo no original.

<sup>34</sup> KOYRÉ, Alexandre. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1991, p. 188.

<sup>35</sup> KOYRÉ, Alexandre. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1991, p. 188, grifos no original.

<sup>36</sup> MARICONDA, Pablo Rubén e VASCONCELOS, Júlio. **Galileu e a nova física**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p. 53.

### 3. O CASO DE GALILEU GALILEI

Galileu nasceu em Pisa, em 15 de fevereiro de 1564. Em 1581, matriculou-se no Estúdio de Pisa, com o propósito de tornar-se médico. Contudo, logo devotou-se ao estudo da matemática, tendo sido aluno de Ostilio Ricci. Como assinala Reston, "Ricci era um pensador progressista"<sup>37</sup>, que cultivava ampla gama de interesses, desde a hidráulica, passando pela defesa militar, até a cosmologia. Sua influência na vida do jovem Galileu deve ter sido decisiva, uma vez que o discípulo também se mostraria, poucos anos depois, como pessoa de vanguarda e espírito aberto.

Uma das primeiras obras de Galileu foi o breve tratado *Teoremas sobre o centro de gravidade dos sólidos*, publicado em latim, em 1585. Em 1592, iniciou sua carreira docente em Pádua, como professor de matemática, ali permanecendo até 1610. Neste período, nascem as seguintes obras: *Breve instrução de arquitetura militar*, *Tratado das fortificações*, *Mecânicas*, *Tratado da esfera*. Em 1610, foi feito matemático do Estúdio de Pisa, ao mesmo tempo em que continua a desenvolver suas pesquisas astronômicas em Florença.

No período paduano, Galileu manifesta, pela primeira vez, em duas cartas, a sua adesão ao sistema heliocêntrico de Copérnico. A primeira carta foi dirigida a Jacopo Mazzoni, com data de 30 de maio de 1597; a segunda é datada de 4 de agosto daquele mesmo ano, e foi dirigida a

---

<sup>37</sup> RESTON, James. **Galileu, uma vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p. 31.

Kepler<sup>38</sup>. Nesta segunda carta, o matemático pisano afirma ter aderido “já há muitos anos à doutrina de Copérnico”<sup>39</sup>.

Entre os anos de 1613 e 1615, Galileu escreveu as conhecidas *quatro cartas copernicanas*, em que discute precisamente as relações entre ciência e fé<sup>40</sup>. A primeira, com data de 21 de dezembro de 1613, é remetida ao beneditino Benedetto Castelli (1578-1643), seu discípulo, que se tornara um destacado matemático italiano. A segunda e a terceira cartas, datadas de 12 de fevereiro e 23 de março de 1615, são enviadas ao Monsenhor Piero Dini, grande amigo de Galileu, que ocupou o cargo de relator apostólico, em Roma. A última carta, que constitui um verdadeiro tratado, foi remetida à senhora Cristina Lorena, duquesa da Toscana, em meados de 1615. Note-se que esta última carta é o mais longo e explicativo destes quatro textos, constituindo-se quase num tratado acerca dos problemas defendidos por Galileu. Este texto foi posteriormente publicado e amplamente divulgado a partir de 1636<sup>41</sup>.

A vida de Galileu pode ser resumida nas seguintes fases<sup>42</sup>:

---

<sup>38</sup> REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. vol. II. São Paulo: Paulus, 1991, p. 248.

<sup>39</sup> REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. vol. II. São Paulo: Paulus, 1991, p. 251.

<sup>40</sup> Utilizamo-nos, aqui, das traduções publicadas em: GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Tradução e organização: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

<sup>41</sup> GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Organizador: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 49, nota 25.

<sup>42</sup> MARICONDA, Pablo Rubén e VASCONCELOS, Júlio. **Galileu e a nova física**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p. 18-19.



- a) Período pisano (1589-1592): início da carreira de professor de matemática, na Universidade de Pisa, e início da pesquisa sobre o movimento dos corpos;
- b) Período paduano (1592-1610): transferência para a Universidade de Pádua e início dos estudos de Mecânica;
- c) Período polêmico (1610-1633): fase caracterizada pela afirmação e defesa do copernicanismo, desde a publicação de *Sidereus nuncius* (1610), em que anuncia as descobertas realizadas através do telescópio, até a condenação (1633), em virtude da publicação de *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo*. Neste período, distinguem-se três momentos:
  - i. Polêmica teológica-cosmológica (1610-1616): momento de intensa atividade científica, marcada pela publicação de *História e demonstração sobre as manchas solares* e que culmina na polêmica entre a tradição teológica e a nova cosmologia, cujo desfecho se dá com a condenação do sistema heliocêntrico de Copérnico, pela Inquisição romana, em 1616;
  - ii. Disputa sobre os padrões científicos (1616-1623): fase em que Galileu combate as posições tradicionais do jesuíta Orazio Grassi. Publicação de *Discurso dos cometas* (1618) e de *O ensaiador*.
  - iii. Fase da elaboração do *Diálogo* (1624-1633): Galileu escreve o *Diálogo* (1624-1630), empenha-se para obter a licença de publicação da obra (1630-1632) e, por fim, é

obrigado a abjurar sua defesa do movimento da terra (1633).

- d) Período da retomada da Mecânica (1633-1642): retoma suas pesquisas do período paduano, escrevendo sua obra mais importante, *Argumentos e demonstrações matemáticas sobre duas novas ciências* (1638).

A partir destas breves notas biográficas, é possível avançar para a compreensão da posição de Galileu em face da cosmologia copernicana e da posição doutrinal da Igreja. Para uma análise mais profunda sobre a vida, a obra e o pensamento de Galileu, veja-se, entre outros, os trabalhos de Ortega y Gasset<sup>43</sup>, Sobel<sup>44</sup> e Banfi<sup>45</sup>, Gorozzo<sup>46</sup>, Jaugey<sup>47</sup>, De Santillana<sup>48</sup>, Soccorsi<sup>49</sup> e Reston<sup>50</sup>. Para a questão referente à Inquisição, veja-se os trabalhos de Neves<sup>51</sup>, Gonzaga<sup>52</sup>, Lipiner<sup>53</sup>, McKenzie<sup>54</sup>, Bethencourt<sup>55</sup>, Pérez Vilariño<sup>56</sup>, Hayward<sup>57</sup>, Roth<sup>58</sup> e Guiraud<sup>59</sup>.

---

<sup>43</sup> ORTEGA Y GASSET, José. **Em torno a Galileu: esquema das crises**. Petrópolis: Vozes, 1989.

<sup>44</sup> SOBEL, Dava. **A filha de Galileu: um relato biográfico de ciência, fé e amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>45</sup> BANFI, Antonio. **Galileu**. Lisboa: Edições 70, 1986.

<sup>46</sup> GAROZZO, Filippo. **Galileu**. São Paulo: Três, 1974.

<sup>47</sup> JAUGEY, J. B. **Le procès de Galilée et la théologie**. Paris: Delhomme et Briquet, 1888.

<sup>48</sup> DE SANTILLANA, Giorgio. **Processo a Galileu: studio storico-critico**. [S.l.]: Arnoldo Mondadori, 1960.

<sup>49</sup> SOCCORSI, Filippo. **II processo di Galileo**. 2. ed. Roma: La Civiltà Cattolica, 1963.

<sup>50</sup> RESTON JR., James. **Galileu, uma vida**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1995.

<sup>51</sup> NEVES, Marcos Cesar Danhoni. **Do infinito, do mínimo e da inquisição em Giordano Bruno**. Ilhéus, BA: Editus, 2004.

<sup>52</sup> GONZAGA, João Bernardino. **A Inquisição em seu mundo**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

<sup>53</sup> LIPINER, Elias. **Santa Inquisição**. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.

### 3.1 A POSIÇÃO DE GALILEU FRENTE À TEORIA DE COPÉRNICO E SUA SITUAÇÃO DIANTE DA IGREJA CATÓLICA

A questão pontual de Galileu deve ser compreendida num contexto que implica, de um lado, a nova *construção subjetiva* que a crise do modelo medieval impõe. De outro lado, sobretudo em relação à Igreja Católica, o "caso de Galileu" deve ser contemplado à luz da Reforma Protestante e da Reforma Católica (ou Contra-Reforma). Portanto, compreende-se assim que Galileu, em suas relações com a Igreja, está situado sob o pano de fundo dos embates havidos no contexto da Reforma de Lutero e das determinações defensivas do Concílio de Trento.

Inicialmente, tanto Lutero quanto Galileu, cada um a seu tempo e modo, parecem mostrar-se interessados em realmente ajudar a Igreja Católica a construir e situar-se no quadro da nova cosmovisão que se descortina. Lutero, ao publicar suas "95 teses", na porta da Igreja de Wittenberg, no dia 31 de outubro de 1517, acredita estar contribuindo para a necessária reforma da Igreja. Com efeito, embora a maioria daquelas teses seja um ataque vigoroso e até agressivo à doutrina e às práticas católicas vigentes, sobretudo no que tange à questão delicada das indulgências, em outras teses pode-se encontrar um Lutero ainda

<sup>54</sup> MCKENZIE, John L. **Authority in the Church**. Kansas City: Sheed & Ward, 1966.

<sup>55</sup> BETHENCOURT, Francisco. **História das inquisições: Portugal, Espanha e Itália: séculos XV-XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>56</sup> PÉREZ VILARIÑO, José. **Inquisicion y constitucion en España**. Bilbao: Zero, 1973.

<sup>57</sup> HAYWARD, Fernand. **Que faut-il penser de l' inquisition?** Paris: A. Fayard, 1958.

<sup>58</sup> ROTH, Cecil. **The Spanish Inquisition**. New York: Norton, 1964.

<sup>59</sup> GUIRAUD, Jean. **L'inquisition médiévale**. Paris: Chez Bernard Grasset, 1928.

realmente fiel à Igreja. De fato, as teses luteranas não foram totalmente condenadas, sendo que 41 receberam a reprovação das autoridades eclesiásticas romanas.

Quanto a Galileu, também ele demonstrou interesse em ver a Igreja dar um passo significativo, não em relação à doutrina espiritual propriamente dita, como queria Lutero, mas em relação ao novo movimento científico desencadeado por Copérnico e potencializado pelo próprio Galileu. Como atesta Carmelo Distante, na introdução à tradução brasileira dos documentos do processo de Galileu<sup>60</sup>, quando Galileu voltou de Pisa, em 1610, seu interesse principal não era apenas continuar a pesquisa pura, mas passar à defesa ideal e prática das teses copernicanas. Galileu “compreendeu que para fazer isto era necessário que tivesse ao seu lado a Igreja Católica, a mais potente instituição cultural e científica da época”<sup>61</sup>. Ele percebia que “a batalha para o triunfo da nova ciência [...] só podia ter sucesso se a Igreja a tornasse própria”<sup>62</sup>. Isso porque, continua Carmelo Distante, “Galileu, como bom católico ortodoxo e como grande cientista, estava convencido de que, se a Igreja fosse capaz de dar um passo do gênero, ficaria na vanguarda do saber, e o mundo moderno teria nascido não contra ela, mas por ela liderado”<sup>63</sup>.

Não é sem razão que, na carta ao Monsenhor Pietro Dini, Galileu escreve: “Creio que o remédio mais adequado

---

<sup>60</sup> PAGANI, Sérgio M.; LUCIANI, Antônio. **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>61</sup> PAGANI, Sérgio M.; LUCIANI, Antônio. **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 12.

<sup>62</sup> PAGANI, Sérgio M.; LUCIANI, Antônio. **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 12.

<sup>63</sup> PAGANI, Sérgio M.; LUCIANI, Antônio. **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 12.

seja ganhar os Padres Jesuítas”<sup>64</sup>. Neste sentido é que se pode compreender melhor o fato de, em 1611, Galileu ter ido a Roma para se encontrar com um grupo de padres da Companhia de Jesus, no Colégio Romano. Na ocasião, o próprio Papa Paulo V esteve presente à reunião em que Galileu tentava convencê-los da justeza de suas observações astronômicas. Contudo, naquela ocasião Galileu não obteve sucesso, embora não tenha desistido de tentar persuadir os jesuítas (note-se que a referida carta a Pietro Dini é posterior à visita ao Colégio Romano, sendo datada de 16 de fevereiro de 1615).

O ponto crucial das dificuldades de Galileu de fazer valer a força de seus argumentos e de suas observações era o fato de que os resultados apresentados contrariavam, em muitas passagens, o texto Bíblico. Portanto, a tentativa de harmonia da nova concepção de ciência e da fé católica parecia, em tese, um empreendimento impossível.

As *quatro cartas copernicanas* atestam precisamente a consciência de Galileu quanto ao delicado aspecto da não conciliação dos resultados da teoria de Copérnico e de suas próprias observações, por meio da luneta, e a interpretação ortodoxa dos textos sagrados. As cartas evidenciam a seguinte posição galileana: não poderia haver contradição entre a natureza e a Bíblia, pois, se os textos bíblicos foram ditados diretamente por Deus, também a natureza fora criada diretamente pelo próprio Deus. A conclusão de Galileu, portanto, era de que tal contradição era “aparente” e resultava, necessariamente, da má interpretação dos textos bíblicos. Fica claro que, neste particular, Galileu complicou ainda mais as coisas em relação à sua intenção de se fazer aceitar pela Igreja. Se já era difícil fazer os teólogos aceitarem a validade de suas observações

---

<sup>64</sup> GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Tradução e organização: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 33.

astronômicas, muito mais difícil seria convencê-los de que eles estavam equivocados no trabalho da exegese bíblica.

Paolo Rossi, acerca desse ponto, afirma que a questão central das disputas de Galileu com a Igreja reside precisamente na questão da interpretação dos textos bíblicos, uma vez que Galileu estaria extrapolando seu *papel de cientista* ao invadir o campo de atuação do magistério da Igreja: a Igreja não poderia admitir que um cientista leigo lhe ensinasse a interpretar a Bíblia<sup>65</sup>. Segundo Rossi,

as intenções de Galileu são evidentes. Em primeiro lugar, ele quer colocar as suas teses sob a autoridade da Escritura e descrever a hipóteses dos adversários (defensores da incorruptibilidade) como contrária às Escrituras; em segundo lugar, pretende afirmar que a interpretação do texto sagrado que se refere à física peripatética [isto é, à física de Aristóteles, assumida pela escolástica] pode ser substituída por outra que se refira a uma física diversa<sup>66</sup>.

Galileu parte da convicção de que a harmonia entre as Letras Sagradas e as novas teorias científicas não pode acontecer admitindo-se apenas a visão de um dos lados da disputa. Para ele, portanto, “quando se tratar de harmonizar passagens sagradas com doutrinas novas e nada comuns sobre a natureza, é necessário ter inteiro conhecimento de tais doutrinas, não se podendo harmonizar duas cordas conjuntamente ouvindo apenas uma delas”<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> ROSSI, Paulo. **A filosofia e a ciência dos modernos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.

<sup>66</sup> ROSSI, Paulo. **A filosofia e a ciência dos modernos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996, p. 93.

<sup>67</sup> GALILEU. Carta ao Monsenhor Piero Dini. In: GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**.

De acordo com seu ponto de vista, não se trata de *desacordos reais* entre as passagens bíblicas e as novas evidências empíricas obtidas, mas de *desacordos teórico-conceituais* entre uma determinada compreensão ou interpretação das Escrituras e as novas descobertas. Portanto, afirma, segundo a interpretação que ele mesmo propõe, “encontro entre algumas passagens das Sagradas Letras e desta constituição do mundo muitas harmonias que não me parece que sejam tão bem consoantes na filosofia comumente admitida”<sup>68</sup>. Assim, fica clara sua posição: se não há conflito real entre as evidências obtidas na observação da natureza e os textos bíblicos, mas apenas entre as novas observações e a filosofia dominante, devemos apenas modificar esta filosofia, oferecendo-lhe novos instrumentos de compreensão dos textos bíblicos. Galileu admite, pois,

que a Sagrada Escritura não pode nunca mentir, sempre que se tenha penetrado o seu verdadeiro sentido. Ora, não creio que se possa negar que este muitas vezes é escondido e muito diverso do que soa o puro significado das palavras. Do que se segue que, toda vez que alguém, ao expô-la, quisesse ater-se sempre ao som literal nu, poderia, errando este alguém, fazer aparecer nas Escrituras não só contradições e proposições afastadas da verdade, mas graves heresias e mesmo blasfêmias<sup>69</sup>.

---

Tradução e organização: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 40.

<sup>68</sup> GALILEU. Carta ao Monsenhor Piero Dini. In: GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Tradução e organização: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 40.

<sup>69</sup> GALILEU. Carta à Senhora Cristina de Lorena. In: GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Tradução e organização: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 58.

Desse modo, a posição de Galileu é a de que “nas discussões de problemas concernentes à natureza, não se deveria começar com a autoridade de passagens da Escritura, mas com as experiências sensíveis e com as demonstrações necessárias”<sup>70</sup>. Neste ponto, Galileu não apenas subverte a tradição eclesial da prioridade da interpretação da Bíblia, sob a autoridade do magistério, como também altera a tradição epistemológica da escolástica, que concedia ao método dedutivo, de Aristóteles, a forma padrão de construção do saber. Com efeito, a partir do método dedutivo, a verdade de proposições universais, admitidas como *princípio*, é garantia indubitável para o estabelecimento da verdade de proposições particulares derivadas da experiência. Galileu está propondo, justamente, a preferência das proposições particulares, advindas da experiência, sobre a verdade absoluta das proposições universais. Neste sentido, ele é um dos primeiros cientistas a inserir-se na revolução epistemológica desencadeada por Francis Bacon (1561-1626), filósofo empirista inglês que estabelece o método indutivo como recurso lógico principal para a construção da nova ciência moderna.

O problema da interpretação é, precisamente, uma questão do domínio da subjetividade. No caso da relação entre exegese bíblica e teorização da natureza, a questão se torna ainda mais evidente: enquanto a linguagem da natureza é expressa de forma direta e, portanto, objetiva, a linguagem bíblica é indireta e subjetiva (daí o recorrente uso de metáforas e parábolas). A convicção de Galileu de que a natureza pode ser expressa em linguagem objetiva

---

<sup>70</sup> GALILEU. Carta à Senhora Cristina de Lorena. In: GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Tradução e organização: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 59.



salta aos olhos em sua afirmação de que a natureza é um livro aberto, escrito em linguagem matemática.

Portanto, para se resolver a “aparente” falta de conciliação entre o “livro da natureza” e o “livro sagrado”, conclui Carmelo Distante, “bastava ler alegoricamente as Sagradas Escrituras para perceber que elas quiseram exprimir as mesmas coisas que exprimia a linguagem da natureza”<sup>71</sup>.

Para a Igreja e a teologia medievais não era novidade que os textos bíblicos exigissem cuidadosa interpretação. Nos primórdios da modernidade, o V Concílio de Latrão (1512-1517) e o Concílio de Trento (1545-1563) reafirmaram tal tese. O atual Catecismo da Igreja, ainda conserva a doutrina derivada destes concílios, admitindo que as Escrituras não podem ser interpretadas senão pela autoridade da Igreja. Assim se expressa esta doutrina: “O encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus, escrita ou contida na Tradição, foi confiado só ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo, isto é, aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma”<sup>72</sup>.

A própria admissão do “magistério eclesiástico”, cuja tarefa consiste na correta interpretação e ensinamento das escrituras, o supunha. Essa questão era, precisamente, um

---

<sup>71</sup> PAGANI, Sérgio M.; LUCIANI, Antônio. **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 14.

<sup>72</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **A interpretação da herança da fé: o Magistério da Igreja**. Capítulo 2, n. 85. O texto faz referência ao Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Dei Verbum*, n. 10. O texto completo do “Catecismo da Igreja Católica” encontra-se disponível em: [http://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html), com acesso em 5 de maio de 2011. Para consulta à Constituição Dogmática *Dei verbum*, cf: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html), acesso em 5 de maio de 2011.

dos elementos da crítica de Lutero às “muralhas” que a Igreja criou em torno de si para se defender dos ataques inimigos. Em sua obra *À nobreza cristã da nação alemã*, o líder da Reforma afirmou que

os romanistas com grande habilidade ergueram em torno de si três muralhas, atrás das quais se defenderam de modo que até agora ninguém pôde reformá-los, e com isso a cristandade decaiu horrivelmente. Em primeiro lugar, quando se tentou constrangê-los com o poder secular, estabeleceram e proclamaram que a autoridade secular não tinha nenhum direito sobre eles e que, ao contrário, o poder espiritual era superior ao temporal. Em segundo lugar, tentou-se golpeá-los com a Sagrada Escritura, mas replicaram que interpretar a Sagrada Escritura é competência somente do Papa e de nenhum outro. Em terceiro lugar, procurou-se ameaçá-los com Um Concílio, mas inventaram que ninguém pode convocar o Concílio a não ser o Papa. Assim, subtraíram traiçoeiramente todas as três varas e permanecem impunes e, defendidos pelas três firmes muralhas, fazem toda sorte de patifarias e maldades que estamos vendo<sup>73</sup>.

Desse modo, pode-se afirmar que Galileu não apresentava nenhum ponto totalmente original ou avesso, cuja aceitação pela Igreja representasse problema. Percebe-se, portanto, que “o esforço de Galileu para conciliar a sua fé religiosa ortodoxa com a sua paixão de cientista novo foi realmente excepcional”<sup>74</sup>.

O caso de Galileu é um exemplo típico da mudança de estrutura de pensamento ocorrida no contexto teológico,

---

<sup>73</sup> LUTERO, Martinho in: MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1981, vol. 2, p. 31.

<sup>74</sup> PAGANI, Sérgio M.; LUCIANI, Antônio. **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 14.

filosófico, científico e cultural entre os séculos XVII e XX. A grandeza de Galileu está no fato de aderir às concepções de Copérnico depois dos acontecimentos que levaram Giordano Bruno (1548-1600) à condenação e execução. De fato, como atesta Jean-Toussaint Desanti,

aderir às concepções de Copérnico não tinha o mesmo sentido antes e depois de Giordano Bruno. Antes dele podia-se pensar que se escolhia uma configuração entre outras. Agora a configuração escolhida impunha-se de preferência, carregada de todo um peso de razões e enriquecida por uma coerência nova. Poder-se-ia dizer que o corte de Galileu, corte explícito, que separa essencialmente duas espécies de discurso, só pôde produzir-se tendo como fundo uma quebra mais profunda: derrocada pela base da qual G. Bruno havia sido o intérprete e a testemunha e que havia dado lugar a uma imagem copernicana do mundo, sustentada em seu discurso titubeante pelo contra-sistema, isto é, pelo complexo coerente das incompatibilidades que uma crítica longa e habitual de Aristóteles havia trazido à tona<sup>75</sup>.

O caso de Galileu ressalta, ao mesmo tempo, os aspectos histórico-filosóficos da Inquisição, de um lado, e da abertura da Igreja ao diálogo com a ciência, de outro. A própria forma como Galileu passou da condição de "condenado" à situação de homem de ciência valorizado e reconhecido pela Igreja é de grande interesse para nossa análise.

---

<sup>75</sup> In: CHÂTELET, François. **História da Filosofia: a filosofia do mundo novo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, vol. 3, p. 67.

### 3.2 OS DOIS PROCESSOS DO SANTO OFÍCIO CONTRA GALILEU

O primeiro processo contra Galileu data de 1615. O estopim da investigação do Santo Ofício sobre Galileu se deve ao envio a Roma, no dia 7 de fevereiro de 1615, por parte do frade dominicano Niccolò Lorini, de Florença, de uma cópia da citada carta de Galileu a Benedetto Castelli. Compreende-se o envio desta carta de denúncia em razão de Galileu ter inimigos, sobretudo entre os frades dominicanos, como na carta a Piero Dini o próprio Galileu o confirma, quando escreve: "Agora, estes bons frades, só por um sentimento hostil contra mim, sabendo que eu estimo este autor [Copérnico], se gabam de dar-lhe o prêmio de seus trabalhos, fazendo com que seja declarado herético"<sup>76</sup>. E continua Galileu:

Mas, o que é mais digno de consideração, sua primeira manobra contra esta opinião foi deixarem-se dominar por alguns malquerentes meus que a pintaram como obra própria minha, sem dizer-lhes que ela já estava publicada há 70 anos. Este mesmo estilo vão utilizando com outras pessoas nas quais procuram inculcar um conceito hostil de mim. Isto vai sucedendo de tal maneira que, tendo, faz poucos dias, chegado aqui, Monsenhor Gherardini, Bispo de Fiesole, nas primeiras visitas para todo o povo, em que se encontravam alguns amigos meus, prorrompe com grandíssima veemência contra mim, mostrando-se grandemente alterado e dizendo que se tratava de fazer grande repreensão com Suas Altezas

---

<sup>76</sup> GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Organizador: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 31.

Sereníssimas, já que esta minha extravagante e errada opinião dava bastante o que falar em Roma<sup>77</sup>.

Com efeito, como se pode notar nestas linhas, Galileu tem consciência de que seus inimigos falam abertamente contra suas ideias, propondo que se levem a Roma sugestões de uma repreensão formal. É neste contexto que surge a carta de Lorini. Alguns historiadores afirmam que esta era uma “cópia alterada”<sup>78</sup> do texto de Galileu, com o fito de acentuar os pontos críticos e condenáveis. Na carta endereçada ao cardeal Paulo Camillo Sfondrati, que acompanhava a cópia da obra de Galileu, Niccolò Lorini escreveu:

[...] tendo-me chegado às mãos uma obra, que anda por aqui de mão em mão, feita por aqueles que se chamam *galileístas*, afirmando que a terra se move e o céu está parado, seguindo as posições de Copérnico, onde, a juízo de todos esses nossos Padres deste mui religioso convento de São Marcos, há muitas sentenças *que nos parecem ou suspeitas ou temerárias*. Por exemplo, afirmar que certos modos de falar da Sagrada Escritura são inconvenientes e que nas disputas sobre os fenômenos da natureza a mesma Escritura deva ter o último lugar; e que seus expositores muitas vezes erram nas suas explicações; e que a própria Escritura não deve se meter em outra coisa senão nos artigos concernentes à fé, e que nas coisas naturais tem mais força o argumento filosófico ou astronômico do que o sagrado e o divino. V.S. poderá ver essas proposições frisadas por mim na

---

<sup>77</sup> GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Organizador: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 31.

<sup>78</sup> GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Organizador: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 28, nota 8.

obra supramencionada, de que lhe envio uma cópia autêntica<sup>79</sup>.

Como vimos anteriormente, Galileu colocou-se em posição delicada frente às autoridades da época. Sua posição “colidia, assim, frontalmente com o núcleo conservador do ensino universitário oficial e com a questão teológica da interpretação que convinha dar ao texto bíblico, o que caía sob a jurisdição da Inquisição”<sup>80</sup>.

Desse modo, no dia 25 de fevereiro de 1616, o Santo Ofício expediu uma nota de convocação de Galileu, nos seguintes termos:

O eminentíssimo Senhor cardeal Millini notificou aos reverendos Padres, ao Senhor Assessor e ao Comissário do Santo Ofício, que após relatada a censura dos Padres Teólogos sobre as proposições do matemático Galilei, afirmando que o sol é o centro do mundo imóvel de movimento local e que a terra se move também de movimento diurno, o Santíssimo ordenou ao ilustríssimo Senhor cardeal Belarmino, que chamasse a sua presença o dito Galilei para admoestá-lo a abandonar a referida opinião. E se recusasse a obedecer, o Padre Comissário, na presença de escrivão e testemunhas, faça-lhe a intimação para abster-se absolutamente de ensinar ou defender semelhante doutrina e opinião, ou dela tratar; se pois não quiser obedecer, seja encarcerado<sup>81</sup>.

---

<sup>79</sup> “Carta de Niccolò Lorini ao Cardeal Paulo Camillo Sfondrati, Florença, 7 de fevereiro de 1615” in: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-36, grifos no original.

<sup>80</sup> MARICONDA, Pablo Rubén e VASCONCELOS, Júlio. **Galileu e a nova física**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p. 95.

<sup>81</sup> “Sobre a convocação de Galileu a apresentar-se ao Cardeal Roberto Belarmino, Roma, 25 de fevereiro de 1616” in: PAGANI, Sérgio M. e

Acusado de heresia, em razão de sua aceitação do sistema de Copérnico, Galileu foi admoestado pelo Santo Ofício, na pessoa do Cardeal Roberto Belarmino, no dia 26 de fevereiro de 1616. O texto oficial da sentença assim se apresenta:

Galileu supramencionado, tendo sido chamado ao palácio residencial do referido ilustríssimo Senhor cardeal Belarmino e às mansões de sua Senhora ilustríssima, e comparecendo o mesmo (Galileu) diante da sua ilustríssima casa, o eminentíssimo Senhor cardeal, na presença do muito reverendo Padre frei Michelangelo Seghezzi de Lodi, da Ordem dos Pregadores, Comissário geral do Santo Ofício, admoestou o referido Galileu a respeito do erro da mencionada opinião e para que a deixe. E logo em seguida, na minha presença e das testemunhas, etc., encontrando-se ainda presente o mesmo ilustríssimo Senhor cardeal, o supramencionado Padre Comissário decretou e ordenou ao supramencionado Galileu, que ainda se encontrava presente e constituído no mesmo lugar, (no próprio nome) do Santíssimo Senhor Nosso o Papa e de toda a Congregação do Santo Ofício, que abandone absolutamente a referida opinião, que o sol é o centro do mundo imóvel e que a terra se move, nem ouse daí em diante sustentá-la, ensiná-la ou defendê-la de modo algum, por palavras ou escritos; caso contrário, seria processado pelo Santo Ofício. O mesmo Galileu tendo concordado com o preceito, prometeu obedecê-lo<sup>82</sup>.

---

LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, 85-86.

<sup>82</sup> "Admoestação do Cardeal Roberto Belarmino a Galileu, Roma, 26 de fevereiro de 1616" in: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, 87-88.

De acordo com os autos do processo, naquela ocasião não foi dada a Galileu a oportunidade de defesa, nem mesmo lhe foi feito algum tipo de interrogatório. No documento de abertura do “arquivo do Santo Ofício contra o matemático Galileu Galilei”, afirma-se que o mesmo Galileu “prometeu obedecer”<sup>83</sup> à admoestação do cardeal Belarmino. Assim, diante da admoestação da Igreja, Galileu adotou uma atitude de resignação, que lhe parecia comum, como se denota de expressões que recorrentemente aparecem nas *Cartas Copernicanas*, como, por exemplo, nesta passagem: “eu intento somente reverenciar e admirar os conhecimentos tão sublimes e obedecer aos acenos dos meus superiores e submeter ao julgamento deles todo o meu esforço”<sup>84</sup>. E ainda: “... falando sempre com aquela humildade e reverência que devo à Santa Igreja e a todos os seus doutíssimos Padres, por mim reverenciados e respeitados e a cujo juízo submeto-me e a todo o meu pensamento...”<sup>85</sup>.

Há uma série de documentos anteriores que indicam o modo como foi sendo desenrolada a análise dos textos de Galileu e das posições consideradas heréticas nele contidos<sup>86</sup>. Em especial, notem-se os dois textos de censura,

---

<sup>83</sup> “Contra Galileu Galilei”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 27.

<sup>84</sup> GALILEU. Carta ao Monsenhor Piero Dini. In: GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Tradução e organização: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 41.

<sup>85</sup> GALILEU. Carta ao Monsenhor Piero Dini. In: GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. Tradução e organização: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 44.

<sup>86</sup> Cf. PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994.



redigidos pelos teólogos censores do Santo Ofício, com data de 19 e 24 de fevereiro de 1616. As proposições censuradas são: “que o sol seja o centro do mundo, e por conseguinte imóvel de movimento local” e “que a terra não é o centro do mundo nem imóvel, mas se move em sua globalidade, também com movimento diurno”<sup>87</sup>. A formulação final da censura, quanto à tese da centralidade do sol, assim foi redigida: “Todos [os teólogos censores] disseram que dita proposição é tola e absurda *in filosofia* e formalmente herética, na medida que contraria expressamente as afirmações da Sagrada Escritura em muitas passagens conforme o uso apropriado das palavras e segundo a exposição comum e o sentido dos Santos Padres e Doutores de Teologia”<sup>88</sup>. Quanto à segunda tese, a que afirma o movimento da terra e nega sua centralidade no mundo, a censura assim se expressa: “Todos afirmaram que esta proposição deve receber a mesma censura em filosofia; no que diz respeito à verdade teológica, é no mínimo errônea na fé”<sup>89</sup>.

Fato importante a ressaltar é que a “admoestação” a Galileu precede a condenação do sistema copernicano pela Igreja Católica, ocorrido poucos dias depois, em 5 de março de 1616<sup>90</sup>.

---

<sup>87</sup> “Censura de algumas proposições galileanas”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 82.

<sup>88</sup> “Outras censuras de proposições galileanas”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 83-84.

<sup>89</sup> Cf. PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 84.

<sup>90</sup> Cf. o texto integral do decreto em: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 89-92. Neste ponto, há uma divergência de informação no texto de Pablo Mariconda e Júlio Vasconcelos, que afirmam ter sido ordenada a admoestação a Galileu “no dia seguinte ao da condenação do sistema de Copérnico” (cf. MARICONDA, Pablo Rubén e

O segundo processo contra Galileu data de 1633. Os fatos a ele relacionados iniciam-se em 1623, quando o cardeal Mafeu Barberini torna-se o papa Urbano VIII. Como o novo pontífice era amigo de Galileu, o matemático sente-se novamente encorajado a avançar em seus estudos e, assim, escreve o seu *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo*, em que discute as diferenças entre os modelos de Ptolomeu e Copérnico, e em cujas páginas não conseguiu ocultar uma firme defesa das ideias copernicanas. Nos autos de seu processo, encontra-se o relato referente ao ocorrido em relação à publicação do *Diálogo*, cujo desfecho foi a condenação de 1633. Assim se pode ler naquele documento:

Em 1630, Galileu Galilei levou a Roma ao Padre Mestre do Sacro Palácio o seu livro manuscrito para mandar imprimi-lo; e conforme o que se refere, foi por ordem dele revisto por um seu colega, do qual não consta registro: aliás na mesma relação se tem que o Padre Mestre do Sacro Palácio queria, para maior segurança, ver por si mesmo o livro; e por isso, para abreviar o tempo, concordou com o Autor que no ato de imprimi-lo lho mostrasse folha por folha e para que ele pudesse acertar-se com o impressor, lhe deu o *imprimatur* para Roma. Foi depois o Autor para Florença, de onde solicitou ao Padre Mestre do Sacro Palácio a faculdade para mandar imprimi-lo ali, e lhe foi negada (...). Depois disso o Padre Mestre do Sacro Palácio não ficou sabendo outra coisa, a não ser que viu o livro impresso em Florença, e publicado com o *imprimatur* daquele Inquisidor, e ainda com o *imprimatur* de Roma; e por ordem de Nosso Senhor mandou recolher os outros, onde foi possível fazer diligência. Exeminou o livro e constatou que Galileu

tinha transgredido as ordens e o preceito que tinha sido dado, de abandonar a hipótese<sup>91</sup>.

Então, aos 23 de setembro de 1632, Roma emite o seguinte documento:

O Santíssimo mandou escrever ao Inquisidor de Florença para comunicar ao mesmo Galileu, em nome da Sagrada Congregação, que se apresentasse em Roma por todo o próximo mês de outubro diante do (Comissário) geral do Santo Ofício, a fim de receber de sua parte a promessa de (obedecer) a esse preceito, que deve fazer-lhe na presença de escrivão e testemunhas, sem contudo nada informar ao próprio Galileu, para que, no caso que não queira fazer a promessa de aceitá-lo e obedecê-lo, isso possa ser comprovado, se for necessário<sup>92</sup>.

A resposta de Galileu, inserida nos autos do processo, datada de 1 de outubro de 1632, assim foi expressa:

Eu, Galileu Galilei, afirmo que no dia acima referido me foi intimado pelo reverendíssimo Padre Inquisidor desta cidade, por ordem da Sagrada Congregação do Santo Ofício de Roma, devia transferir-me para Roma por todo o presente mês e apresentar-me ao Padre Comissário do Santo Ofício, pelo qual me será comunicado o que devo fazer. E eu aceito de bom grado tal ordem por todo o corrente mês de outubro. E

---

<sup>91</sup> "Contra Galileu Galilei". In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 27-28.

<sup>92</sup> "Contra Galileu". In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 108.

como prova da verdade tenho escrito a presente de própria mão<sup>93</sup>.

Contudo, a saúde de Galileu não lhe permitiu partir imediatamente para Roma, como havia concordado em obedecer à convocação. Um atestado assinado por três médicos, datado de 17 de dezembro de 1632 e dirigido ao Inquisidor de Florença, afirma a debilidade de seu quadro clínico, com distúrbios que “revestem certa gravidade, e que por qualquer causa externa poderia acarretar perigo evidente de vida”<sup>94</sup>. Em resposta, O Santo Ofício redige um documento em 30 de dezembro de 1632, informando que “Sua Santidade e a Sagrada Congregação não podem e não devem de modo algum tolerar semelhantes subterfúgios”<sup>95</sup>. Assim, foi enviado junto a Galileu um comissário do Santo Ofício, acompanhado de médicos, a fim de visitá-lo e fazer uma avaliação correta da situação. Desse modo, conclui o referido documento,

se seu estado for tal que lhe permita ir, seja enviado preso e amarrado com correntes. Se, ao contrário, devido á saúde e pelo perigo de vida, for necessário adiar a transferência, logo após recuperar a saúde e cessando o perigo, seja transferido preso e amarrado com correntes<sup>96</sup>.

---

<sup>93</sup> “Galileu aceita ir a Roma”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 113.

<sup>94</sup> “Atestado médico sobre Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 124-125.

<sup>95</sup> “Sobre a vinda de Galileu a Roma”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 126.

<sup>96</sup> “Sobre a vinda de Galileu a Roma”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 126-127.

Galileu, por fim, partir para Roma, por livre decisão, no dia 20 de janeiro de 1633<sup>97</sup>. Neste segundo comparecimento diante do Santo Ofício, Galileu deu quatro depoimentos: o primeiro, no dia 12 de abril de 1633<sup>98</sup>; o segundo, em 30 de abril de 1633<sup>99</sup>; o terceiro se deu em 10 de maio de 1633<sup>100</sup>; o último ocorreu em 21 de junho de 1633<sup>101</sup>. Em todos os depoimentos Galileu sustenta sempre a mesma posição, como se pode exemplificar com as últimas palavras que proferiu na quarta sessão dos interrogatórios: “Eu não sustento nem sustentei essa opinião de Copérnico depois que me foi intimado por preceito que eu devia deixá-la; de resto, estou aqui em suas mãos, façam o que lhes aprouver”<sup>102</sup>. E assim se encerra o documento deste último depoimento: “Depois disso lhe reiteraram que dissesse a verdade, caso contrário se passaria à tortura. [E Galileu declarou]: Estou aqui para fazer a obediência; e não

---

<sup>97</sup> “O Inquisidor de Florença ao Cardeal Antonio Barberini”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 128-129.

<sup>98</sup> “Depoimento de Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 130-138.

<sup>99</sup> “Outro depoimento de Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 139-142.

<sup>100</sup> “Novo depoimento de Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 145-146.

<sup>101</sup> “Outro depoimento de Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 180-182.

<sup>102</sup> “Outro depoimento de Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 182.

sustentei tal opinião após estabelecida aquela determinação, como disse”<sup>103</sup>.

Com a data deste último depoimento, os arquivos de seu processo incluem uma declaração em defesa própria, na qual Galileu afirma:

Com base nisto que estou dizendo parece-me poder ter firme esperança de que a ideia de eu ter ciente e voluntariamente transgredido as determinações que me foram feitas acabe por ser totalmente afastada das mentes dos eminentíssimos e prudentíssimos Senhores juízes; de modo que as falhas que acaso se encontram espalhadas no meu livro, não se pense terem sido introduzidas de forma artificiosa com intenção disfarçada e menos que sincera, mas apenas por vã ambição e auto-satisfação de parecer perspicaz além do comum dos escritores populares, fato que escapa á pena de forma imperceptível, como também confessei em outro meu depoimento<sup>104</sup>.

O processo inclui, então, o juízo dos teólogos do Santo Ofício, depois de terem analisado os depoimentos de Galileu, sua defesa e, sobretudo, sua obra *Diálogos*. Segundo o parecer do censor Melchior Inchofer,

Galileu não só ensina e defende a fixidade e imobilidade do sol como centro do universo, ao redor do qual convergem os planetas e a terra, com seus respectivos movimentos. Ele deve ao mesmo tempo ser considerado fortemente suspeito de aderir

---

<sup>103</sup> “Outro depoimento de Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 182.

<sup>104</sup> “Declaração de Galileu em própria defesa”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. [149-152], p. 151.

firmemente a essa opinião e por conseguinte de sustentá-la<sup>105</sup>.

Segundo o parecer de outro censor, Zacarias Pasqualigo,

embora o senhor Galileu no começo de seu livro se proponha querer tratar do movimento da terra *sub hypothesi* (como hipótese), na continuação dos seus Diálogos, entretanto, deixa de lado a hipótese e passa a provar de modo absoluto o movimento da terra com razões apodíticas; por conseguinte, partindo de razões absolutas, tira uma conclusão absoluta, julgando às vezes suas razões serem convincentes<sup>106</sup>.

Na continuação de seu julgamento, o mesmo Zacarias Pasqualigo recorda a causa do novo processo que se move contra Galileu, o que é interesse para compreender o contexto exato em que se dão aqueles fatos:

Sendo que o Senhor Galileu recebeu anos atrás o preceito por parte do Santo Ofício, no tocante a opinião copernicana de movimento da terra e da estabilidade do sol no centro do mundo, no sentido de *neque teneat, neque doceat, neque defendat quovis modo, verbo aut scripto* (não sustentar, ensinar, defender de modo algum, por palavras ou escrito) tal opinião, e tendo impresso os seus Diálogos em torno da referida matéria, indaga-se se transgrediu o preceito acima referido. A resposta é que transgrediu o preceito na medida em que determina que *non*

---

<sup>105</sup> “Juízos de Melchior Inchofer sobre o Diálogo de Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 157.

<sup>106</sup> “Juízos de Zacarias Pasqualigo sobre o Diálogo de Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 171.

*doceat quovis modo* (não ensine de modo algum) [...] porque o objetivo de quem imprime e escreve é ensinar a doutrina que o livro contém <sup>107</sup>.

A proibição do livro *Diálogo* foi determinada no dia 16 de junho de 1633 <sup>108</sup>, cinco dias antes do último depoimento de Galileu, acima referido. A notificação de seu processo e sentença, assim foram registradas:

Galileu Galilei, matemático florentino, foi inquirido no Santo Ofício de Florença pelas seguintes proposições: que o sol está no centro do mundo e por conseguinte imóvel de movimento local; que a terra não é o centro do mundo nem imóvel, mas se move em sua globalidade, também com movimento diurno. E chamado a Roma foi encarcerado neste Santo Ofício, onde, sendo exposta a causa perante o Papa, aos 16 de junho de 1633 Sua Santidade decretou que o referido Galilei fosse interrogado em torno da intenção, inclusive com a ameaça de tortura. E resistindo, após a prévia abjuração *de vehementi* (de forte suspeita) a ser obtida em plena congregação do Santo Ofício, fosse condenado à prisão ao arbítrio da Sagrada Congregação, e lhe impusesse que no futuro não tratasse mais de modo algum nem por escritos ou palavras da mobilidade da terra nem da estabilidade do sol, sob pena de reincidência. Que o livro por ele composto, intitulado *Dialogo di Galileo Galilei Linceo*, fosse proibido; e além disso que os exemplares da sentença, a ser proferida como acima, fossem transmitidos a todos os Núncios Apostólicos e a todos

---

<sup>107</sup> “Juízos de Zacarias Pasqualigo sobre o Diálogo de Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 175.

<sup>108</sup> “Sobre a intimação Pontifícia de inquirir Galileu e sobre a proibição do Diálogo”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 178-179.



os Inquisidores, e em particular àquele de Florença, o qual devia ler na sua congregação plenária, especialmente diante dos professores de matemática, publicamente a dita sentença, como todo o processo foi executado<sup>109</sup>.

Em complemento à notificação assim, pode-se ler:

Aos 23 de junho do ano mencionado [1633] Galileu foi habilitado a deixar os cárceres do Santo Ofício para hospedar-se no Palácio do Grão Duque em Trinitá dei Monti em prisão domiciliar; e no dia primeiro de dezembro do mesmo ano foi habilitado a voltar para sua casa, contanto que vivesse na solidão, nem admitisse ninguém para conversar consigo, pelo tempo ao arbítrio de Sua Santidade<sup>110</sup>.

Desse modo, Galileu foi novamente condenado em 1633, tendo sido obrigado a abjurar, com o acréscimo da pena de confinamento, primeiro junto ao arcebispo de Siena e, posteriormente, em sua própria casa em Arcetri. Ali Galileu permaneceu até a morte, ocorrida no dia 8 de janeiro de 1642.

---

<sup>109</sup> “Notificação do processo contra Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 300-301.

<sup>110</sup> “Notificação do processo contra Galileu”. In: PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 301.

## 4. A TEORIA EVOLUCIONISTA DE CHARLES DARWIN

Depois de analisar as circunstâncias históricas e filosóficas em que se deram os acontecimentos relacionados a Galileu, passamos a refletir sobre os influxos da teoria da evolução de Darwin no processo de mudança da mentalidade moderna, assim como as questões relacionadas ao confronto de tal teoria com a tradição doutrinal da Igreja Católica. Para tanto, seguimos a análise histórica oferecida por Jacques Arnould<sup>111</sup>.

### 4.1 A QUESTÃO DAS “TEORIAS EVOLUCIONISTAS” ANTES DE DARWIN

Note-se, de início, que o século XIX marca “etapas essenciais para a negociação da virada evolucionista pela tradição cristã”<sup>112</sup>. Contudo, antes desse marco decisivo, importa considerar que já havia embates entre a Igreja e alguns pensadores envolvidos com as ciências biológicas. De fato, como afirma Arnould, “as condenações eclesiais do século XVII não atingem só a astronomia e a física; também a zoologia e a biologia são estreitamente vigiadas, uma vez que dizem respeito à especificidade do animal e do homem,

---

<sup>111</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.: a Igreja e a evolução**. São Paulo: Paulus, 1999.

<sup>112</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.: a Igreja e a evolução**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 11.

bem como à unidade de origem do último”<sup>113</sup>. Com efeito, cite-se o caso, por exemplo, de Jan Baptist van Helmont (1577-1644) foi um médico, químico e fisiologista flamengo, condenado pelo Santo Ofício por haver estudado o magnetismo animal<sup>114</sup>.

A questão de fundo, sem dúvida, é a da doutrina da criação de Adão e Eva (capítulo 1 do Gênesis) e a do pecado original, fonte da compreensão da necessidade de que a obra original de Deus, maculada pelo homem, seja remida por Cristo. Neste contexto doutrinal, a criação do homem é um evento singular, que coroa a obra da criação. Além disso, diferentemente das outras criaturas, o homem é “feito à imagem e semelhança de Deus”, o que constitui privilégio importante. Daí decorre a compreensão de que a obra da criação foi feita *para o homem*, e não simplesmente *com o* homem, donde deriva o mandato divino de “dominar a terra”. A existência de um paraíso, lugar preparado por Deus para ali colocar sua criatura predileta, revela, ainda, o lugar central que o ser humano ocupa no projeto divino da criação. Por outro lado, o pecado original e a necessária obra da redenção, operada por Cristo, só podem ser compreendidos na mesma perspectiva desta centralidade que ao homem foi concedida. Este é o pano de fundo a partir do qual se constrói a visão de mundo do final da Idade Média, no que diz respeito não apenas à cosmologia, mas também a uma antropologia teológica: com efeito, o geocentrismo é exigido em razão do antropocentrismo da obra da criação.

---

<sup>113</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 12.

<sup>114</sup> Entre suas principais obras estão: **De magnetica vulnerum curatione** (1621); **Februm doctrina inaudita** (1642); **Opuscula medica inaudit** (1644); **Ortus medicinae** (1648). Para um estudo biográfico, ver: PAGEL, Walter. **Joan Baptista van Helmont: reformer of science and medicine.** Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1982.

Contudo, as viagens do século XVI e a descoberta de civilizações diferentes (os ameríndios, os Incas, os Maias e os Astecas, por exemplo) levam ao questionamento da possibilidade de uma leitura fundamentalista do relato bíblico da criação. O calvinista Isaac de La Peyrère (1596-1676)<sup>115</sup> elabora uma primeira tentativa de resposta ao problema. Segundo ele, os primeiros casais pré-adamitas (anteriores a Adão) foram disseminados pela terra. Só mais tarde, porém, Adão, ainda criança, fora transferido para o Jardim do Édem, dando assim origem não a toda a humanidade, mas somente a um povo. Desse modo, o autor de *Systema theologicum ex praeadamitarum hypotesi* (1655), obra que foi condenada e queimada, é considerado o fundador do poligenismo (doutrina contrária ao monogenismo defendido no texto bíblico). Por isso, La Peyrère foi preso pelo Arcebispo de Malines, tendo sido encarcerado nas prisões da Inquisição<sup>116</sup>.

Estavam abertas, desse modo, as possibilidades de uma elaboração crítica para a exegese bíblica, o que não deixou de suscitar reações e condenações. No século XVIII, por exemplo, foi rejeitada a crítica bíblica de Richard Simon [1638-1712]<sup>117</sup>, cujas ideias apareceram em suas principais obras, entre as quais destacam-se: *Histoire critique du Vieux Testament* (Paris, 1678), *Nouvelles observations sur le texte et les versions du Nouveau Testament* (Paris, 1695) e *Le Nouveau Testament de notre Seigneur Jésus Christ, traduit sur l'ancienne édition, avec des remarques litterales et critiques sur les principales difficultés* (Trevoux, 1702).

---

<sup>115</sup> Para um estudo biográfico, ver: POPKIN, R. H. **Isaac La Peyrère (1596–1676): His Life, Work and Influence**. Brill Academic Publishers, 1987.

<sup>116</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.: a Igreja e a evolução**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 13.

<sup>117</sup> Para um estudo biográfico, ver: MARGIVAL H. **Essai sur Richard Simon et la critique biblique au XVIIe siècle** (1900). Cf.: ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.: a Igreja e a evolução**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 13-14.

No mesmo contexto deve ser considerada a obra de Buffon. Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), foi um naturalista, matemático e escritor francês, cujas ideias também foram controversas. As suas teorias influenciaram outros naturalistas, entre os quais estão Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin. Buffon, que trabalhou com os problemas relativos à cronologia geológica e a origem das espécies, defendia a tese do *transformismo integral*, segundo a qual de um único ser podem ter sido derivados todos os outros. Neste sentido, o conceito de "Criador" pode ser facilmente substituído pelo de "natureza". Contudo, Buffon não passou pela prisão, nem pela condenação ou residência vigiada, mas "seu caso lembra como as autoridades eclesiásticas, na metade do século XVIII, ainda podiam impor a um sábio que renunciasse a hipóteses científicas pela simples razão de que contradiziam a interpretação bíblica tradicional"<sup>118</sup>.

Ao mesmo tempo, Carl von Lineu (1707-1778)<sup>119</sup>, que foi botânico, zoólogo e médico sueco, em seu livro *Fundamenta Botanica* (1736), defendia o *fixismo*, tese segundo a qual naquela época havia tantas espécies quantas no exato momento da criação.

Jean-Baptiste Robinet (1735-1820), naturalista francês, em 26 de agosto de 1726, vê sua obra *Da natureza* (1761) incluída no *Index* dos livros proibidos, por decreto do Santo Ofício. Robinet defende a tese de que a natureza,

---

<sup>118</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 15.

<sup>119</sup> Entre suas principais obras, destacam-se: **Fundamenta Botanica** (1736); **Systema naturae** (1735); **Flora lapponica** (1737); **Genera plantarum** (1735-1737); **Hortus Cliffortianus** (1737); **Flora Suecica** (1745); **Fauna Suecica** (1746); **Philosophia botanica** (1751); **Species plantarum** (1753); **Clavis medicinae duplex** (1766); **Mundus invisibilis** (1767).

num processo paulatino, foi se transformando, até chegar ao homem, que representa o coroamento de sua obra<sup>120</sup>.

Erasmus Darwin (1731-1802), médico inglês e avô paterno de Charles Darwin, também teve a obra *Zoonomia* incluída no *Index* por decreto de 22 de dezembro de 1817. Nela, o autor defende o desenvolvimento progressivo do reino animal sob a influência de fatores e causas externos<sup>121</sup>.

Tais posições teóricas opõem-se decisivamente à visão fixista e finalista defendida pela tradição cristã e, sobretudo, pela Igreja Católica. Tal visão estava fortemente marcada por uma interpretação aristotélica da realidade, cujos vestígios remontavam à tradição escolástica, que serviu de suporte teórico para as principais definições teológicas da Igreja.

Figura de destaque, neste contexto, é de Lamarck (1744-1829). Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, cavaleiro de Lamarck, nome pelo qual passou às páginas da História, na obra *Filosofia Zoológica* (1809) defende a tese da transformação como explicação científica dos fósseis, provando-se assim a extinção de algumas espécies. Como assinala Arnould, “a ideia de extinção de espécies era inadmissível, por contradizer as noções de onipotência e benevolência de Deus”<sup>122</sup>. A solução de Lamarck é razoável: as espécies não se extinguem, mas se transformam. Desse modo, a tradição cristã se mantém preservada.

---

<sup>120</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 15.

<sup>121</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 15.

<sup>122</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 16.

## 4.2 A “CONTRA-REFORMA EVOLUCIONISTA”

Em virtude da rapidez com que se alastraram as ideias evolucionistas, sobretudo na França, nota-se a tentativa de fundação de uma quase “contra-reforma” evolucionista. O padre Lamennais (Hughes Félicité Robert de Lamennais [1782-1854]) concebeu a ideia de reviver o Catolicismo Romano como uma chave para a regeneração social. Para tanto, esboçou um programa de reforma, sob o título *Reflexão do estado da Igreja* (1808), defendendo a autoridade absoluta do papa em matéria de fé e doutrina. Sua intenção era criar uma “ciência católica” para o espírito humano, “fatigado com a insuficiência e com a desordem da ciência atual”, escrevia Lamennais<sup>123</sup>. É neste espírito que surgiu, por exemplo, a *Enciclopédia Católica* (1839-1848) e a *Enciclopédia Teológica*, elaborada em 171 volumes. Para Arnould, “o esforço da Enciclopédia Católica representa a última tentativa de manter vivo o grande sistema simbólico que era o do catolicismo sob o antigo regime”<sup>124</sup>.

A publicação de *A origem das espécies*, em 1858, contudo, aparece aos olhos dos defensores da “ciência católica”, como nova ameaça aos fundamentos bíblicos e à doutrina cristã. Georges Minois assim descreve o impacto da obra de Darwin sobre as ideias defendidas pela tradição cristã e pela ortodoxia católica, de um modo geral:

Desde as origens e sob a influência da filosofia grega, o pensamento cristão raciocina no imutável, no eterno. O que muda, é o que se corrompe, o que é, portanto, imperfeito. Darwin é o assalto da mudança

---

<sup>123</sup> In: ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 17.

<sup>124</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 18.

contra o imóvel, é a introdução do relativismo. Se as espécies não são imutáveis, se os seres evoluem em profundidade, se o mundo do ser vivo é sujeito a mudanças, o pensamento de hoje não será válido amanhã, e o de ontem não é válido hoje<sup>125</sup>.

Volta-se, assim, ao problema clássico da filosofia de Parmênides e de Heráclito<sup>126</sup>: se a realidade apresenta, em sua essência, um estado de fixidez e de permanência, como pretende Parmênides, a verdade é um dado absoluto. Mas, ao contrário, se as coisas estão mergulhadas no fluxo constante, como pretende Heráclito, sendo no estado atual diferente daquilo que foram ontem e que serão amanhã, então o acesso à verdade absoluta é tarefa impossível ao ser humano. Importa compreender, contudo, que é a posição de Parmênides que vai se estabelecer no pensamento ocidental, sobretudo em razão da forma como Platão e Aristóteles<sup>127</sup> (embora com clara divergência entre a base metafísica de suas elaborações filosóficas) vão conceber os fundamentos da realidade. Com efeito, a tradição doutrinal da Igreja Católica assentou suas bases na filosofia de Platão e Aristóteles, cujas obras foram relidas a partir dos ensinamentos de Santo Agostinho e de Santo Tomás de Aquino<sup>128</sup>. Neste sentido, continua Minois,

para teólogos, que se apóiam na autoridade de textos "congelados", nos escritos dos Padres do século V,

---

<sup>125</sup> In: ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 20.

<sup>126</sup> Cf. REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga.** São Paulo: Loyola, 1993, vol. 1.

<sup>127</sup> Cf. REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga.** São Paulo: Loyola, 1993, vol. 2.

<sup>128</sup> Cf. GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. E, ainda, BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã:** desde as origens até Nicolau de Cuza. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.



num tomismo intemporal e nos decretos eternos e irreformáveis, a evolução é um escândalo. Não podem admitir que a verdade de hoje não seja necessariamente a de ontem ou a de amanhã. Essa irrupção da história perturba os esquemas estabelecidos. Além disso, Deus já não parece senhor de sua criação, que evolui segundo uma seleção natural que não tem nada a ver com a Providência. Ele se torna um aprendiz de feiticeiro que criou uma "coisa" viva e não pode mais controlá-la; os seres lhe escapam e mudam depois de um processo puramente natural<sup>129</sup>.

E conclui: "Será preciso muito tempo para que a teologia assimile esse noivo avatar da ciência".

Em 30 de junho de 1860, na Universidade de Oxford, acontece o histórico debate sobre a evolução das espécies travado entre Thomas Huxley e o bispo anglicano Samuel Wilberforce (1805-1873), considerado um dos maiores oradores de sua época<sup>130</sup>. Thomas Henry Huxley (1825-1895), biólogo britânico, ficou conhecido como "o Buldogue de Darwin", em razão de ser o principal defensor público da teoria da evolução de Darwin e um dos principais cientistas ingleses do século XIX.

Ainda em 1860, a primeira obra de Darwin é condenada no concílio particular da Alemanha. Note-se que não houve nenhuma condenação por parte da Cúria Romana, como será melhor analisado mais à frente. Também a obra de Darwin não foi sequer citada no *Index*<sup>131</sup>.

---

<sup>129</sup> In: ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 20.

<sup>130</sup> Sobre este debate, ver: REALE, Givanni. **História da Filosofia.** São Paulo: Paulus, 1991, vol. 3, p. 377-379.

<sup>131</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 34.

Em 1869, a Comissão Teológica que trabalhava na preparação do Concílio Vaticano I (realizado de 8 de dezembro de 1869 a 18 de dezembro de 1870, tendo sido convocado por Pio IX [pontificado de 1846 a 1878]) tencionava propor como dogma de fé a descendência de todos os homens de um só casal, mas a questão não chegou a ser levada efetivamente a cabo<sup>132</sup>.

Em 1881, o Marquês de Nadailhac (Jean-François-Albert du Pouget [1818-1904]) publicou a obra *Os primeiros homens* e, em 1893, *O problema da vida*, em que reivindica para os católicos o direito de aceitar a tese da evolução. Homem profundamente católico, seu interesse era o da relação entre ciência e fé.

Em 1891, Dom d'Hulst (Maurice Le Sage d'Hauteroche d'Hulst [1841-1896]), então reitor do Instituto Católico de Paris, no púlpito de Notre Dame, fez a seguinte declaração acerca da evolução:

Não negamos o que pode haver de profundo nessa concepção e até nos sentimos levados a aceitá-la. (...) Sim, com Deus na origem do ser, com Deus no termo do progresso, com Deus nos lados da coluna, para dirigir e sustentar seu movimento, a evolução é admirável<sup>133</sup>.

Quanto a esta declaração e seu autor parece não ter havido nenhum tipo de censura por parte das autoridades eclesiásticas.

O padre dominicano francês Dalmace Leroy (1828-1905) foi uma espécie de precursor de Teilhard de Chardin. Participou das polêmicas da época, utilizando-se também do púlpito de Notre Dame para defender o transformismo.

---

<sup>132</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 22.

<sup>133</sup> In: ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 24.

Mas, diferentemente de d'Hulst, foi chamado a Roma e obrigado a se retratar e a abandonar tudo o que fosse relacionado à ciência natural e suas relações com a filosofia escolástica <sup>134</sup>. Conforme Arnould informa, o texto de retratação, assinado por Leroy, assim se apresenta:

Minha tese foi examinada em Roma pela autoridade competente e julgada insustentável, porque não pode conciliar-se nem com as afirmações da Sagrada Escritura nem com os princípios de uma sã filosofia. Filho dócil da Igreja..., declaro rejeitar, retratar e reprovar tudo o que disse, escrevi e publiquei em favor dessa tese<sup>135</sup>.

Curioso é saber que não foi publicado nenhum documento do Santo Ofício contra ele e nenhum de seus livros foi incluído no *Index*.

Em 1907, o Papa Pio X publicou a encíclica *Pascendi Dominici gregis*, na qual condena toda tentativa de conciliação entre a Igreja e a ciência, sobretudo a posição que ele denomina *modernista* e que é o ponto central de sua crítica. Com efeito, assim escreve:

Talvez que na exposição da doutrina dos modernistas tenhamos parecido a alguém, Veneráveis Irmãos, demasiadamente prolixos. Isso, porém, foi de todo necessário, tanto para que não continuem a acusar-nos, como costumam, de ignorar as suas teorias, como também, para que se veja que quando se fala de modernismo, não se trata de doutrinas vagas e desconexas, mas de um corpo uno e compacto de doutrinas em que, admitida uma, todas as demais também o deverão ser. Por isso, também quisemos

---

<sup>134</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 31.

<sup>135</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 34.

servir-nos de uma forma quase didática, e nem recusamos os vocábulos bárbaros, que os modernistas adotam. Se, pois, de uma só vista de olhos atentarmos para todo o sistema, a ninguém causará pasmo ouvir-Nos defini-lo, afirmando ser ele a síntese de todas as heresias. Certo é que se alguém se propusesse juntar, por assim dizer, o destilado de todos os erros, que a respeito da fé têm sido até hoje levantados, nunca poderia chegar a resultado mais completo do que alcançaram os modernistas. Tão longe se adiantaram eles, como já o notamos, que destruíram não só o catolicismo, mas qualquer outra religião. Com isto se explicam os aplausos do racionalistas; por isto aqueles dentre os racionalistas que falam mais clara e abertamente, se vangloriam de não ter aliados mais efetivos que os modernistas. E de fato, voltemos um pouco, Veneráveis Irmãos, à prejudicialíssima doutrina do agnosticismo. Com esta, por parte da inteligência está fechado ao homem todo o caminho para chegar a Deus, ao passo que se torna mais aberto por parte de um certo sentimento e da ação. Quem não percebe, porém, que isto se afirma em vão?<sup>136</sup>

Como solução, grafada na encíclica sob o título de “Remédios”, para os males que a modernidade representa, sobretudo no campo das novas teorias científicas, Pio X ordena explicitamente a retomada da filosofia escolástica de Santo Tomás de Aquino, conforme se pode ler nesta ilustrativa passagem:

---

<sup>136</sup> PIO X. **Encíclica *Pascendi Dominici gregis***. 8 de setembro de 1907. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_x/encyclicals/documents/hf\\_p-x\\_enc\\_19070908\\_pascendi-dominici-gregis\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_po.html), com acesso em 14 de julho de 2011.

No que se refere aos estudos, queremos em primeiro lugar e mandamos terminantemente, que a filosofia escolástica seja tomada por base dos estudos sacros (...) O que importa saber, antes de tudo, é que a filosofia escolástica, que mandamos adotar, é principalmente a de Santo Tomás de Aquino; a cujo respeito queremos fique em pleno vigor tudo o que foi determinado pelo Nosso Predecessor e, se há mister, renovamos, confirmamos e mandamos severamente sejam por todos observadas aquelas disposições. Se isto tiver sido descuidado nos seminários, insistam e exijam os Bispos que para o futuro se observe. Tornamos extensiva a mesma ordem aos Superiores das Ordens religiosas. E todos aqueles que ensinam fiquem cientes de que não será sem graves prejuízos que especialmente em matérias metafísicas, se afastarão de Santo Tomás<sup>137</sup>.

---

<sup>137</sup> PIO X. **Encíclica *Pascendi Dominici gregis***. 8 de setembro de 1907. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_x/encyclicals/documents/hf\\_p-x\\_enc\\_19070908\\_pascendi-dominici-gregis\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_po.html), com acesso em 14 de julho de 2011. Pio X, no mesmo documento, reforça a censura da Igreja sobre os livros considerados perigosos. Eis o texto: “No entanto não basta impedir a leitura ou a venda de livros maus; cumpre, outrossim, impedir-lhes a impressão. Usem pois, os Bispos a maior severidade em conceder licença para impressão. E visto como é grande o número de livros que, segundo a Constituição *Officiorum*, hão mister da autorização do Ordinário, é costume em certas dioceses designar, em número conveniente, Censores, por ofício, para o exame dos manuscritos. Louvamos com efusão de ânimo essa instituição de censura; e não só exortamos, mas mandamos que se estenda a todas as dioceses. Haja, portanto, em todas as Cúrias episcopais censores para a revisão dos escritos em via de publicação. Sejam estes escolhidos no clero secular e regular, homens idosos, sábios e prudentes, que ao aprovar ou reprovar uma doutrina tomem um meio termo seguro. Terão eles o encargo de examinar tudo o que, segundo os artigos XLI e XLII da referida Constituição, precisar de licença para ser publicado. O Censor dará o seu parecer por escrito. Se for favorável, o Bispo permitirá a impressão com a palavra *Imprimatur*, que deverá ser precedida do *Nihil obstat* e do nome do Censor. Também na Cúria romana, como nas outras, serão estabelecidos Censores de Ofício. Serão estes designados pelo Mestre do Sagrado Palácio

A 30 de junho de 1909, a Comissão Bíblica da Santa Sé publica o documento *De characterе historico priorum capitum Geneseos*, cuja posição é desfavorável a uma explicação evolucionista, isolando o gênero humano do contexto da evolução da natureza de modo geral<sup>138</sup>.

Pio XII, num discurso à Pontifícia Academia de Ciências, no dia 3 de dezembro de 1939, faz um elogio à ciência. Porém, em 30 de novembro de 1941, o pontífice afirmou: “As muitas pesquisas, tanto da paleontologia como da biologia e da morfologia, sobre os outros problemas que dizem respeito às origens do homem não trouxeram até o presente nada de positivamente claro e certo”<sup>139</sup>.

Em 1943, a encíclica *Divino afflante Spiritu*, do Papa Pio XII, encoraja as pesquisas exegéticas, o que poderia

Apostólico, depois de consultar o Cardeal Vigário de Roma e obtido também o consentimento e aprovação do Sumo Pontífice. O mesmo determinará qual dos Censores deverá examinar cada escrito. A licença de impressão será concedida pelo referido Mestre juntamente com o Cardeal Vigário ou o seu Vice-gerente, antepondo-se, porém, como acima se disse, o *Nihil obstat* e o nome do Censor. Somente em circunstâncias extraordinárias e raríssimas, a prudente juízo do Bispo, poderá omitir-se a menção do Censor. Nunca se dará a conhecer ao autor o nome do Censor, antes que este tenha dado seu juízo favorável, afim de que o Censor não venha sofrer vexames, enquanto examinar os escritos ou depois que os tiver desaprovado. Nunca se escolham Censores entre as Ordens religiosas, sem primeiro pedir secretamente o parecer ao Superior provincial, ou, se se tratar de Roma, ao Geral; estes deverão em consciência dar atestado dos costumes, do saber, da integridade e das doutrinas do escolhido. Avisamos aos Superiores religiosos do gravíssimo dever que têm de nunca permitir que algum de seus súditos publique alguma coisa, sem a prévia autorização juntamente com a do Ordinário. Declaramos em último lugar, que o título de Censor, com que alguém for honrado, nenhuma eficácia terá nem jamais poderá ser aduzido para corroborar as suas opiniões particulares”.

<sup>138</sup> **Acta Apostolicae Sedis**, 1, 1909, p. 567ss. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS%2001%20\[1909\]%20-%20ocr.pdf](http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS%2001%20[1909]%20-%20ocr.pdf), com acesso em 8 de setembro de 2011.

<sup>139</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 37.

significar uma abertura no sentido de aproximar as novas descobertas da ciência com uma possível reinterpretação dos textos bíblicos<sup>140</sup>.

Em breves passadas, este é o contexto em que a abordagem evolucionista, antes de Darwin, é discutida e enfrentada, no decorrer da Idade Moderna e nos primórdios do pensamento contemporâneo. Vejamos, a seguir, alguns elementos para ampliar a compreensão da própria teoria de Darwin.

### 4.3. A TEORIA DA EVOLUÇÃO DE DARWIN

Charles Darwin (1809-1882) publicou seu *A origem das espécies* em 1859, afirmando a tese de que as espécies se originam por um processo natural de evolução, orientada pelo mecanismo da seleção. O livro teve tanto sucesso que os 1250 exemplares da primeira edição foram vendidos no primeiro dia de seu aparecimento, assim como esgotaram-se rapidamente os 3 mil exemplares da segunda edição, publicada apenas três meses depois da primeira<sup>141</sup>.

Em suma, segundo a concepção proposta por Darwin,

a seleção imprime uma orientação à evolução (...). Em outras palavras, a evolução pode ser vista como uma série de adaptações, cada qual adquirida ou descartada por determinada espécie sob a pressão do

---

<sup>140</sup> PIO XII. **Encíclica *Divino afflante Spiritu***. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_xii/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_30091943\\_divino-afflante-spiritu\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu_po.html), acesso em 5 de setembro de 2011.

<sup>141</sup> Cf. REALE, Givanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, vol. 3, p. 373.

processo de seleção, durante longo período de tempo<sup>142</sup>.

Segundo Darwin,

mesmo que muita coisa ainda permaneça obscura, não alimento qualquer dúvida, depois dos estudos mais diligentes e do julgamento mais imparcial de que sou capaz, de que o ponto de vista sustentado por grande parte dos naturalistas, e que outrora eu mesmo defendi, ou seja, que cada espécie teria sido criada de maneira independente, é errôneo. Estou totalmente convencido de que as espécies não são imutáveis, e que aquelas pertencentes ao que chamamos de *mesmo gênero* são descendentes diretas de uma outra espécie já extinta; do mesmo modo que as variedades constatadas de uma espécie descendem de um dos tipos daquela espécie. Finalmente, estou convencido também de que a seleção natural foi o meio principal de modificação, porém não o único<sup>143</sup>.

Com a intenção de incentivar os mais jovens naturalistas, Darwin afirma que “quem acreditar que as espécies são mutáveis prestará bom serviço à ciência”<sup>144</sup>. Porém, o próprio Darwin tinha consciência das dificuldades e objeções que sua teoria deveria enfrentar. Com efeito, nas páginas finais de sua obra principal, assim escreveu:

Não vou negar que muitas objeções importantes possam ser levantadas à teoria da descendência com modificações pela seleção natural. Primeiramente, nada me parece mais difícil de acreditar que o fato de

---

<sup>142</sup> REALE, Givanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991, vol. 3, p. 373.

<sup>143</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 31.

<sup>144</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 538.



que os mais complexos órgãos e instintos tenham-se aperfeiçoado não pela atuação de um meio que foge à compreensão humana, mas como resultado da acumulação de muitas pequenas variações, todas úteis para seu possuidor<sup>145</sup>.

Refletindo sobre a dificuldade dos naturalistas em aceitar a perspectiva evolucionista, Darwin afirma:

A crença de que as espécies são produções imutáveis é quase inevitável, uma vez que se crê na brevidade da história do mundo. Agora que conhecemos algo mais sobre o tempo decorrido até hoje, podemos presumir, sem necessidade de provas, que os registros geológicos são suficientemente perfeitos para nos fornecerem evidência da modificação das espécies, caso tenham sofrido qualquer modificação<sup>146</sup>.

Charles Darwin faz alusão às reações que possam vir de pessoas comprometidas com uma visão religiosa da vida e do mundo. Contudo, ele acredita que suas explicações científicas acerca da origem e do desenvolvimento das espécies vivas não ferem, necessariamente, a posição religiosa de qualquer pessoa. Neste sentido, escreve:

Não vejo razão para que as opiniões expostas neste volume firam os sentimentos religiosos de quem quer que seja. Recordemos apenas que a maior descoberta efetuada pelo homem, a lei da atração universal, foi também atacada por Leibnitz “como subversiva da religião natural e, nessas condições, da religião revelada”. Um famoso eclesiástico escreveu-me um dia “que acabara por compreender que acreditar na

---

<sup>145</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 517.

<sup>146</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 536.

criação de algumas formas capazes de se desenvolver por si mesmas em outras formas necessárias é ter uma concepção bem mais elevada de Deus do que acreditar que houvesse necessidade de novos atos de criação para preencher as lacunas causadas pela ação das leis estatuídas”<sup>147</sup>.

Com efeito, de acordo com a compreensão de Darwin, não é absolutamente necessário de que haja conflitos entre as posições religiosas e as novas descobertas científicas. Isso porque, como ele escreve, “há apenas pouca diferença entre a crença de novas formas terem sido produzidas de maneira repentina e inexplicável pelas antigas formas muito distintas e a velha crença na criação das espécies a partir do barro”<sup>148</sup>.

Fazendo uma avaliação lúcida das posições teóricas assumidas pelos naturalistas de seu tempo, Darwin percebe que “renomados autores parecem plenamente satisfeitos com a teoria de que cada espécie teria sido criada de forma independente”<sup>149</sup>. Contudo, sua posição pessoal ele a expõe da seguinte forma:

A meu ver, o que sabemos das leis impostas à matéria pelo Criador combina melhor com a hipótese de que a produção e extinção dos habitantes antigos e atuais sejam devidas a causas secundárias, como as que determinam o nascimento e a morte de cada indivíduo. Quanto considero todos os seres não como criações especiais, mas como descendentes em linha reta de uns poucos seres que viveram muito tempo antes que se depositasse a primeira camada da Era

---

<sup>147</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 537.

<sup>148</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 539.

<sup>149</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 544.

Siluriana, a mim parece que tais seres ganham nobreza com esse posicionamento<sup>150</sup>.

E completa: “Há uma verdadeira grandeza nessa forma de considerar a vida, que, juntamente com todas as suas diversas capacidades, teria sido insuflada pelo Criador em poucas formas, ou talvez em uma única”<sup>151</sup>.

Como se pode perceber, não há a intenção, por parte de Darwin, de afrontar a tradição doutrinal cristã ao propor suas teorias acerca da origem das espécies. Para ele, é possível ao mesmo tempo ser cristão e admitir a concepção evolucionista, como para Galileu era possível permanecer ligado à Igreja Católica e, mesmo assim, admitir as ideias de Copérnico.

Contudo, não era esta a visão das autoridades eclesiásticas, como temos notado. E em função desta dissonância entre as novas teorias evolucionistas e a posição da Igreja Católica é que se compreende a situação de Teilhard de Chardin, como se pode ver seguir.

---

<sup>150</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 544-545.

<sup>151</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 545-546.

## 5. A SITUAÇÃO HISTÓRICO-FILOSÓFICA DO PENSAMENTO DE TEILHARD DE CHARDIN

Como acenamos desde o início, a recepção positiva da teoria de Darwin, no contexto da Igreja Católica, se deu principalmente pelo padre jesuíta Pierre Teilhard de Chardin. Segundo Arnould, “na história da ideia de evolução na Igreja Católica, a vida e a obra de Teilhard de Chardin ocupam lugar particular”<sup>152</sup>. Ele pode ser comparado, com efeito, com Galileu: aquilo que Galileu representou em relação à teoria heliocêntrica de Copérnico, Teilhard de Chardin representa em relação à teoria da evolução de Darwin.

Alguns dados biográficos nos ajudam a compreender a situação de Teilhard de Chardin. Filho de em uma família profundamente católica, Chardin entrou para o noviciado da Companhia de Jesus, em Aix-en-Provence, no ano de 1899. Em 1902, licenciou-se em Filosofia e Letras, na Inglaterra. Entre os anos de 1905 e 1908, foi professor de física e química no colégio jesuíta da Sagrada Família, no Cairo, Egito, onde teve a oportunidade de realizar pesquisas geológicas. Seus estudos de teologia foram retomados em Ore Place (Hastings, Inglaterra), no período de 1908 a 1912. Em 1911, foi ordenado sacerdote. Entre 1912 e 1914, cursou paleontologia no Museu de História Natural de Paris, dando início à profunda relação que manteria, ao longo de toda a vida, com a comunidade científica.

---

<sup>152</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 41.

Desde o início de seus escritos pode-se notar o tom evolucionista que vai marcar toda sua obra. A dimensão cósmica da vida humana, e mesmo da vida cristã, será uma tônica a marcar todos os seus trabalhos. Em seu *Diário*, no dia 5 de outubro de 1916, escreveu: "O Kosmos não deve ser posto de lado, mas aceito e até saboreado. Aquele que é ou se torna cristão não perde sua humanidade, mas, ao contrário, a vê crescer e compreende que, no Cristo cósmico, o de Paulo e João, pode depositar seu ardor de homem ávido de descobertas"<sup>153</sup>.

Em 22 de março de 1922, ele defendeu sua tese de doutorado na Sorbonne, com o título *Os mamíferos do eoceno inferior francês e seus sítios*. A partir de então, começa a ensinar geologia no Instituto Católico de Paris. Ainda em 1922, escreveu um texto, datilografado e não publicado em forma de livro, intitulado *Nota sobre algumas representações históricas possíveis do pecado original*. Este texto foi o estopim das censuras do Santo Ofício quanto ao pensamento do padre jesuíta, causando sua partida de Paris para a China, em 1926. Teilhard de Chardin, na ocasião, fora acusado de negar o dogma do pecado original. Como Arnould atesta, ele foi "constrangido a assinar um texto que exprimia esse dogma em termos ortodoxos e principalmente para abandonar o ensino no Instituto Católico de Paris e ir para a China"<sup>154</sup>.

Em carta a Auguste Valensin, de 10 de janeiro de 1926, escreveu:

Já não creio muito no valor imediato, tangível, criticável das decisões e das diretrizes oficiais. Há os que se sentem felizes na Igreja visível; quanto a mim,

---

<sup>153</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 47.

<sup>154</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 49.

parece-me que seria feliz se morresse, para ficar desembaraçado dela, isto é, para encontrar Deus Nosso Senhor fora dela.

Para si mesmo, ele só via duas alternativas: “ser um perfeito religioso ou um excomungado”, escreveu em 24 de janeiro de 1927<sup>155</sup>. Assim, entendia que existem dois tipos de cruzados e mártires: “aqueles que se deixam matar para conservar uma velha coisa, e aqueles que se deixam matar para mudá-la” (Carta de 13 de dezembro de 1939). Evidentemente, ele próprio se incluía no segundo grupo. Neste sentido, considerou o período do exílio, de 1926-1955, a vinte e nove anos de “enganos e mal-entendidos”<sup>156</sup>.

Entre o período de 1926-1927, Teilhard de Chardin apresentou, para análise, a obra *O meio divino*. Os teólogos romanos julgaram o texto duvidoso “não quanto à ortodoxia, mas quanto à novidade”<sup>157</sup>.

Em 13 de outubro de 1933, em carta a Auguste Valensin, Teilhard de Chardin escreveu:

Entre as autoridades romanas e mim há mais do que um mal entendido de palavras. Elas e eu sonhamos com um só e mesmo Cristo; e isso é a coisa fundamental, graças à qual podemos estar associados sem deslealdade e sem enganos. Mas, posto à parte este ponto capital, Roma e eu diferimos por duas representações do Mundo e por duas atitudes práticas em relação ao Mundo, as quais não são complementares, mas contrárias. No fundo, é uma

---

<sup>155</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 57.

<sup>156</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 54.

<sup>157</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 55.

luta sem tréguas entre um pessimismo estático e um otimismo progressivo<sup>158</sup>.

Em carta a Léontine Zanta, de 24 de junho de 1934, assim escreveu: “Em Roma, falou-se vagamente em convidar-me para ‘conversar’. Mas não vejo bem como poderia eu estabelecer uma paz leal. (...) Evidentemente, tenho um ‘fichário longo na polícia’, e há muitas ‘minas’ nas águas nas quais navego”.

Um fato importante a ressaltar é o seguinte: em 1936, o neurologista italiano Frei Agostinho Gemelli, da Ordem dos Franciscanos, foi encarregado por Pio XI de transformar a então *Academia dos Novos Lincos* na Pontifícia Academia de Ciências. Arnould informa que, na lista de indicações dos novos dos membros para esta academia, o nome de Teilhard de Chardin foi riscado pelo papa<sup>159</sup>. Em carta ao padre Fontoynt, ainda em 1907, Teilhard de Chardin havia escrito:

Estou impressionado com o fato de que falta à Igreja quase completamente um órgão de pesquisa (à diferença de tudo o que vive e progride em torno dela). Ora, ela só conservará a fé luminosa para seus filhos e para os estrangeiros se fizer pesquisa, esta pesquisa que se sente ser questão de vida ou morte. (...) Por isso, é necessário que, sob o controle da *Ecclesia docens*, desenvolva-se a *Ecclesia quaerens*<sup>160</sup>.

Em outra carta, endereçada a Pierre Leroy, em 31 de maio de 1953, escreveu: “Como é possível que não haja em

---

<sup>158</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 60.

<sup>159</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 39.

<sup>160</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 44-45.

Roma, além de uma 'Comissão Bíblica', uma 'Comissão Científica' encarregada de indicar às autoridades os pontos a respeito dos quais pode-se ter certeza que a Humanidade tomará posição amanhã"<sup>161</sup>.

Em 1946, foi-lhe permitido retornar a Paris. Seus textos, em cópias mimeografadas, circulavam nos meios acadêmicos e suas conferências lotavam os auditórios. Então, foi convidado a lecionar no Collège de France. Porém, em razão de ameaças de novas sanções pela Santa Sé, dirige-se a Roma, em 1948. Contudo, a visita não lhe rendeu o objetivo almejado: foi proibido de ensinar no Colégio da França e a publicação do *Fenômeno Humano* não foi autorizada.

Na carta que remeteu ao jesuíta Pierre Leroy, datada de 15 de outubro de 1948, assim se exprimiu: "Estamos atravessando um limiar, e a cúpula [autoridades de Roma] ainda pretende que se trate apenas de uma moda! Neste momento, toda a questão está na Igreja de Deus: não uma disputa de teses, mas uma clivagem diante de um julgamento de valor a fazer".

A encíclica *Humani Generis*, de 12 de agosto de 1950, acabou com as esperanças de Teilhard de Chardin quanto a Roma vir a aceitar suas posições. Neste documento, O Papa Pio XII ataca diretamente o que a Igreja entende por erros do gênero humano. Detenhamo-nos em alguns trechos deste documento, em razão de sua importância enquanto posição oficial da Igreja diante das teorias evolucionistas e, indiretamente, diante do pensamento de Teilhard de Chardin.

Logo nas primeiras linhas do texto, pode-se ler:

As dissensões e erros do gênero humano em questões religiosas e morais têm sido sempre fonte e causa de

---

<sup>161</sup> ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 66.



intensa dor para todas as pessoas de boa vontade e, principalmente, para os filhos fiéis e sinceros da Igreja; mas, de maneira especial, o continuam sendo hoje em dia, quando vemos combatidos até os próprios princípios da cultura cristã<sup>162</sup>.

Pio XII toca na delicada questão da revelação e do acesso do entendimento humano à verdade acerca de Deus e do próprio homem, chamando a atenção da Igreja para os cuidados que se deve ter neste campo. Segundo o Pontífice,

as verdades que se referem a Deus e às relações entre os homens e Deus transcendem por completo a ordem dos seres sensíveis e, quando entram na prática da vida e a enformam, exigem o sacrifício e a abnegação própria. Ora, o entendimento humano encontra dificuldades na aquisição de tais verdades, já pela ação dos sentidos e da imaginação, já pelas más inclinações, nascidas do pecado original. Isso faz com que os homens, em semelhantes questões, facilmente se persuadam de ser falso e duvidoso o que não querem que seja verdadeiro<sup>163</sup>.

Quanto à teoria da evolução, cujo tratamento é inserido no capítulo “Falsas doutrinas atualmente em voga”, assim se refere a Encíclica *Humani Generis*:

Se olharmos para fora do redil de Cristo, facilmente descobriremos as principais direções que seguem não poucos dos homens de estudo. Uns admitem sem discricção nem prudência o sistema evolucionista, que até no próprio campo das ciências naturais não foi

---

<sup>162</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 1. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_xii/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_12081950\\_humani-generis\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis_po.html), com acesso em 8 de setembro de 2011.

<sup>163</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 2.

ainda indiscutivelmente provado, pretendendo que se deve estendê-lo à origem de todas as coisas, e com ousadia sustentam a hipótese monista e panteísta de um mundo submetido a perpétua evolução<sup>164</sup>.

Pio XII ataca abertamente “as falsas afirmações de semelhante evolucionismo pelas quais se rechaça tudo o que é absoluto, firme e imutável”<sup>165</sup>. Numa passagem do documento pode-se ler quase que uma referência pessoal ao Padre Teilhard de Chardin, ao seu trabalho e ensino:

Os que, ou por repreensível desejo de novidade, ou por algum motivo louvável, propugnam essas novas opiniões, nem sempre as propõem com a mesma intensidade, nem com a mesma clareza, nem com idênticos termos, nem sempre com unanimidade de pareceres; o que hoje ensinam alguns mais encobertamente, com certas cautelas e distinções, outros mais audazes propalarão amanhã abertamente e sem limitações, com escândalo de muitos, em especial do clero jovem, e com detrimento da autoridade eclesiástica. Mais cautelosamente é costume tratar dessas matérias nos livros que são postos à publicidade, já com maior liberdade se fala nos folhetos distribuídos privadamente e nas conferências e reuniões. E não se divulgam somente estas doutrinas entre os membros de um e outro clero, nos seminários e institutos religiosos, mas também entre os seculares, principalmente aqueles que se dedicam ao ensino da juventude<sup>166</sup>.

E continua seu ataque aos pensadores progressistas, denominados de “amigos de novidades”, em razão de seu

---

<sup>164</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 5.

<sup>165</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 6.

<sup>166</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 13.

suposto desprezo pela filosofia escolástica e pela autoridade do magistério da Igreja:

Desgraçadamente, esses amigos de novidades facilmente passam do desprezo da teologia escolástica ao pouco caso e até mesmo ao desprezo do próprio magistério da Igreja, que tanto prestígio tem dado com a sua autoridade àquela teologia. Apresentam este magistério como empecilho ao progresso e obstáculo à ciência; e já existem acatólicos que o consideram como freio injusto, que impede alguns teólogos mais cultos de renovar a teologia<sup>167</sup>.

O autor da *Humani Generis* ainda se refere ao modo como os propagadores das novas doutrinas relativizam o valor literal dos textos bíblicos:

Além disso, o sentido literal da Sagrada Escritura e sua exposição, que tantos e tão exímios exegetas, sob a vigilância da Igreja, elaboraram, deve ceder lugar, segundo essas falsas opiniões, a uma nova exegese a que chamam simbólica ou espiritual; por meio dela, os livros do Antigo Testamento, que seriam atualmente na Igreja uma fonte fechada e oculta, se abririam finalmente para todos. Dessa maneira, afirmam, desaparecerão todas as dificuldades que somente encontram os que se atêm ao sentido literal das Escrituras<sup>168</sup>.

Note-se que, na Encíclica *Divino Afflante Spiritu*, do mesmo Pio XII, publicada em 30 de setembro de 1943, defende-se a doutrina da "inerrância bíblica", seguindo-se o que já ensinara Leão XIII, na Encíclica *Providentissimus Deus*, de 18 de novembro de 1893. Com efeito, afirma Pio XII:

---

<sup>167</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 18.

<sup>168</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 23.

O primeiro e maior cuidado de Leão XIII foi expor a doutrina relativa à verdade dos Livros Sagrados e defendê-la dos ataques contrários. Por isso em graves termos declarou que não há erro absolutamente nenhum quando o hagiógrafo falando de coisas físicas "se atém ao que aparece aos sentidos" como escreveu o Angélico [Santo Tomás de Aquino], exprimindo-se "ou de modo metafórico, ou segundo o modo comum de falar usado naqueles tempos e usado ainda hoje em muitos casos na conversação ordinária mesmo pelos maiores sábios." De fato "não era intenção dos escritores sagrados, ou melhor - são palavras de santo Agostinho do Espírito Santo que por eles falava, ensinar aos homens essas coisas - isto é, a íntima constituição do mundo visível - que nada importam para a salvação". Esse princípio "deverá aplicar-se às ciências afins, especialmente à história", isto é, refutando "de modo semelhante os sofismas dos adversários" e defendendo das suas objeções a verdade histórica da Sagrada Escritura. Nem pode ser taxado de erro o escritor sagrado, "se aos copistas escaparam algumas inexatidões na transcrição dos códices" ou "se é incerto o verdadeiro sentido de algum passo". Enfim é absolutamente vedado "coarctar a inspiração unicamente a algumas partes da Sagrada Escritura ou conceder que o próprio escritor sagrado errou", pois que a divina inspiração "de sua natureza não só exclui todo erro, mas exclui-o e repele-o com a mesma necessidade com que Deus, suma verdade, não pode ser autor de nenhum erro. Esta é a fé antiga e constante da Igreja"<sup>169</sup>.

E conclui Pio XII: "Esta doutrina, pois, que nosso predecessor Leão XIII com tanta gravidade expôs, propomo-la nós também com nossa autoridade e a inculcamos,

---

<sup>169</sup> PIO XII. **Encíclica Divino Afflante Spiritu**. Roma, 1943, n. 3.

para que seja de todos escrupulosamente professada”<sup>170</sup>. Acima de tudo, Pio XII acena para a necessidade da interpretação literal dos textos bíblicos, ressaltados os aspectos exegéticos de análise, como se pode ler nestas linhas:

Bem preparado com o conhecimento das línguas antigas e com os recursos da crítica, aplique-se o exegeta católico àquele que é o principal de todos os seus deveres: indagar e expor o sentido genuíno dos Livros Sagrados. Neste trabalho tenham os intérpretes bem presente que o seu maior cuidado deve ser distinguir claramente e precisar qual seja o sentido literal das palavras bíblicas<sup>171</sup>.

Voltemos à *Humani Generis*. Em razão dos fatos evidenciados, conclui Pio XII, “não há que admirar terem essas novidades produzido frutos venenosos em quase todos os capítulos da teologia”<sup>172</sup>. Como um aceno quase direto também a Teilhard de Chardin, o Papa afirma:

Sabemos que esses e outros erros semelhantes serpenteiam entre alguns filhos nossos, desviados pelo zelo imprudente ou pela falsa ciência; e nos vemos obrigado a repetir-lhes, com tristeza, verdades conhecidíssimas e erros manifestos, e a indicar-lhes, não sem ansiedade, os perigos de erro a que se expõem<sup>173</sup>.

Pio XII insiste em chamar a atenção para as teorias ou hipóteses novas lançadas pelas ciências, afirmando que “se tais conjecturas opináveis se opõem direta ou

---

<sup>170</sup> PIO XII. **Encíclica Divino Afflante Spiritu**. Roma, 1943, n. 4.

<sup>171</sup> PIO XII. **Encíclica Divino Afflante Spiritu**. Roma, 1943, n. 15.

<sup>172</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 25.

<sup>173</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 28.

indiretamente à doutrina que Deus revelou, então esses postulados não se podem admitir de modo algum”<sup>174</sup>.

Há uma passagem em que o Papa autoriza a discussão sobre o evolucionismo, embora exija que se respeite, em último termo, o que ensina a Igreja:

Por isso o magistério da Igreja não proíbe que nas investigações e disputas entre homens doutos de ambos os campos se trate da doutrina do evolucionismo, que busca a origem do corpo humano em matéria viva preexistente (pois a fé nos obriga a reter que as almas são diretamente criadas por Deus), segundo o estágio atual das ciências humanas e da sagrada teologia, de modo que as razões de uma e outra opinião, isto é, dos que defendem ou impugnam tal doutrina, sejam ponderadas e julgadas com a devida gravidade, moderação e comedimento, contanto que todos estejam dispostos a obedecer ao ditame da Igreja, a quem Cristo conferiu o encargo de interpretar autenticamente as Sagradas Escrituras e de defender os dogmas da fé. Porém, certas pessoas, ultrapassam com temerária audácia essa liberdade de discussão, agindo como se a própria origem do corpo humano a partir de matéria viva preexistente fosse já certa e absolutamente demonstrada pelos indícios até agora achados e pelos raciocínios neles baseados, e como se nada houvesse nas fontes da revelação que exigisse a máxima moderação e cautela nessa matéria<sup>175</sup>.

Contudo, a Encíclica *Humani Generis* nega, aos cristãos, a possibilidade de discussão acerca do poligenismo. Eis o texto:

---

<sup>174</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 35.

<sup>175</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 36.

Mas, tratando-se de outra hipótese, isto é, a do poligenismo, os filhos da Igreja não gozam da mesma liberdade, pois os fiéis cristãos não podem abraçar a teoria de que depois de Adão tenha havido na terra verdadeiros homens não procedentes do mesmo protoparente por geração natural, ou, ainda, que Adão signifique o conjunto dos primeiros pais; já que não se vê claro de que modo tal afirmação pode harmonizar-se com o que as fontes da verdade revelada e os documentos do magistério da Igreja ensinam acerca do pecado original, que procede do pecado verdadeiramente cometido por um só Adão e que, transmitindo-se a todos os homens pela geração, é próprio de cada um deles<sup>176</sup>.

A presumida cautela de Pio XII em relação às novas teorias, sobretudo ao evolucionismo, é tomada como medida de precaução. Segundo o Pontífice, “preferimos nos opor aos começos do que oferecer remédio a uma enfermidade inveterada”<sup>177</sup>. Para tanto, sua decisão é:

mandamos aos bispos e aos superiores religiosos, onerando gravissimamente suas consciências, que com a máxima diligência procurem que, nem nas classes, nem nas reuniões, nem em escritos de qualquer gênero, se exponham tais opiniões de modo algum, nem aos clérigos, nem aos fiéis cristãos<sup>178</sup>.

Por fim, o Papa nega aos dissidentes qualquer possibilidade de “retorno”, a menos que abram mão de suas posições e adotem, obedientes, as disposições da Igreja. Eis o texto: “finalmente, não creiam [...] que os dissidentes e os que estão no erro possam ser atraídos com pleno êxito, a não ser que a verdade íntegra que está viva na Igreja seja

---

<sup>176</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 37.

<sup>177</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 40.

<sup>178</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 41.

ensinada por todos sinceramente, sem corrupção nem diminuição alguma"<sup>179</sup>.

A avaliação de Teilhard de Chardin sobre a *Humani Generis* foi assim expressa na carta de 19 de outubro de 1950, também esta remetida a Pierre Leroy:

À diferença da encíclica *Pascendi* (que atirava nos que destruíam Cristo), a encíclica *Humani Generis* (na qual em vão se procuraria alguma coisa de 'humano', no sentido do Humanismo moderno) visava às pessoas que procuravam aumentar e intensificar a adorabilidade de Cristo, o que fez com que Roma acabasse bombardeando suas primeiras linhas.

Para Georges Minois,

o imobilismo de Pio XII no domínio da pesquisa científica sobre as origens do homem é claramente afirmado pela encíclica *Humani Generis* de 1950. Com efeito, a despeito de algumas concessões de forma, o papa retoma a doutrina tradicional da Igreja, tirada diretamente de uma interpretação quase literal da Bíblia<sup>180</sup>.

Teilhard de Chardin, em outros escritos, vai repetir sua avaliação sobre esta posição da Igreja, como no texto que segue:

A crosta de estabilidade e inércia acumulada sobre a Igreja por dois mil anos de 'reino' é tão espessa e paralisante que quase nos surpreendemos desejando o grande choque que reporá o espírito de Cristo em circulação nas camadas novas nascidas do Universo (Carta a Pierre Leroy, em 29 de julho de 1959).

---

<sup>179</sup> PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 43.

<sup>180</sup> In: ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999, p. 72-73.



Em outra passagem, com efeito, afirma: “eu não ligo em nada para os teólogos. Somente irrita-me vendo-os manter o Cristianismo num estado de manismo<sup>181</sup> que enjoa os Gentios” (Carta a Pierre Leroy, 31 de maio de 1953).

Em 1951, Teilhard de Chardin transferiu-se para Nova Iorque, respondendo a um convite da Fundação Wenner-Gren, que patrocinou duas expedições científicas na África, sob sua coordenação, para pesquisar as origens do homem.

Teilhard de Chardin faleceu no Domingo de Páscoa de 10 de abril de 1955, em Nova Iorque. Em 30 de junho de 1962, sete anos depois da morte do padre Teilhard de Chardin, o Santo Ofício publicou um *Monitum*, ou seja, um aviso de precaução a respeito das obras de Teilhard de Chardin, exortando todas as universidades católicas, seminários e institutos superiores a se posicionarem contra tais obras e a protegerem os seus seguidores do perigo que elas representam<sup>182</sup>.

---

<sup>181</sup> Manismo é a atitude de culto aos mortos. Teilhard de Chardin refere-se, com este conceito, à atitude da Igreja de sempre se reportar à tradição dos antigos Padres, como se seus ensinamentos fossem a expressão da verdade absoluta da qual não se pode se afastar.

<sup>182</sup> Eis o texto original: “Quaedam vulgantur opera, etiam post auctoris obitum edita, Patris Petri Teilhard de Chardin, quae non parvum favorem consequuntur. Praetermisso iudicio de his quae ad scientias positivas pertinent, in materia philosophica ac theologica satis patet praefata opera talibus scaterere ambiguitatibus, immo etiam gravibus erroribus, ut catholicam doctrinam offendant. Quapropter Eminentissimi ac Reverendissimi Patres Supremae Sacrae Congregationis S. Officii Ordinarios omnes necnon Superiores Institutuum religiosorum, Rectores Seminariorum atque Universitatum Praesides exhortantur ut animos, praesertim iuvenum, contra operum Patris Teilhard de Chardin eiusque assecularum pericula efficaciter tutentur. Datum Romae, ex Aedibus S. Officii, die 30 Iunii 1962”. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS%2054%20\[1962\]%20-%20ocr.pdf](http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS%2054%20[1962]%20-%20ocr.pdf), p. 526, com acesso em 7 de setembro de 2011.

## **6. ACENOS PARA UMA NOVA POSIÇÃO DA IGREJA CATÓLICA DIANTE DE GALILEU E TEILHARD DE CHARDIN**

Sobretudo a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), conclamado por João XXIII e concluído por seu sucessor, o papa Paulo VI, a Igreja começa a estabelecer um novo modo de se relacionar com o mundo atual, sobretudo a partir de uma compreensão não condenatória da ciência e da técnica. Em uma passagem importante da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre as relações da Igreja com o mundo atual, assim afirma o Concílio:

A atual perturbação dos espíritos e a mudança das condições de vida, estão ligadas a uma transformação mais ampla, a qual tende a dar o predomínio, na formação do espírito, às ciências matemáticas e naturais, e, no plano da acção, às técnicas, fruto dessas ciências. Esta mentalidade científica modela a cultura e os modos de pensar numa maneira diferente do que no passado. A técnica progrediu tanto que transforma a face da terra e tenta já dominar o espaço. Também sobre o tempo estende a inteligência humana o seu domínio: quanto ao passado, graças ao conhecimento histórico; relativamente ao futuro, com a prospectiva e a planificação. Os progressos das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só ajudam o homem a conhecer-se melhor, mas ainda lhe permitem exercer, por meios técnicos, uma influência directa na vida das sociedades. Ao mesmo tempo, a humanidade preocupa-se cada vez mais com prever e ordenar o seu aumento demográfico. O

próprio movimento da história torna-se tão rápido, que os indivíduos dificilmente o podem seguir. O destino da comunidade humana torna-se um só, e não já dividido entre histórias independentes. A humanidade passa, assim, duma concepção predominantemente estática da ordem das coisas para um outra, preferentemente dinâmica e evolutiva; daqui nasce uma nova e imensa problemática, a qual está a exigir novas análises e novas sínteses<sup>183</sup>.

O Concílio reconhece, abertamente, o valor e a dignidade do conhecimento humano:

Participando da luz da inteligência divina, com razão pensa o homem que supera, pela inteligência, o universo. Exercitando incansavelmente, no decurso dos séculos, o próprio engenho, conseguiu ele grandes progressos nas ciências empíricas, nas técnicas e nas artes liberais. Nos nossos dias, alcançou notáveis sucessos, sobretudo na investigação e conquista do mundo material. Mas buscou sempre, e encontrou, uma verdade mais profunda. Porque a inteligência não se limita ao domínio dos fenómenos; embora, em consequência do pecado, esteja parcialmente obscurecida e debilitada, ela é capaz de atingir com certeza a realidade inteligível. Finalmente, a natureza espiritual da pessoa humana encontra e deve encontrar a sua perfeição na sabedoria, que suavemente atrai o espírito do homem à busca e amor da verdade e do bem, e graças à qual ele é levado por meio das coisas visíveis até às invisíveis. Mais do que os séculos passados, o nosso tempo precisa de uma tal sabedoria, para que se humanizem as novas

---

<sup>183</sup> CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***, n. 5. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html), com acesso em 30 de agosto de 2011.

descobertas dos homens. Está ameaçado, com efeito, o destino do mundo, se não surgirem homens cheios de sabedoria. E é de notar que muitas nações, pobres em bens económicos, mas ricas em sabedoria, podem trazer às outras inapreciável contribuição<sup>184</sup>.

O Concílio também reconhece, apesar dos “perigos” da mentalidade cientificista, o valor da ciência no mundo atual:

O progresso hodierno das ciências e das técnicas que, em virtude do seu próprio método, não penetram até às causas últimas das coisas, pode sem dúvida dar aso a certo fenomenismo e agnosticismo, sempre que o método de investigação de que usam estas disciplinas se arvora indevidamente em norma suprema de toda a investigação da verdade. É mesmo de temer que o homem, fiando-se demasiadamente nas descobertas actuais, julgue que se basta a si mesmo e já não procure coisas mais altas. Estas deploráveis manifestações não são, porém, consequências necessárias da cultura actual, nem nos devem fazer cair na tentação de desconhecer os seus valores positivos. Tais são, entre outros: o gosto das ciências e a exacta objectividade nas investigações científicas; a necessidade de colaborar com os outros nas equipas técnicas; o sentido de solidariedade internacional; a consciência cada vez mais nítida da responsabilidade que os sábios têm de ajudar e até de proteger os homens; a vontade de tornar as condições de vida melhores para todos e especialmente para aqueles que sofrem da privação de responsabilidade ou de pobreza cultural. Tudo isto pode constituir uma certa preparação para a recepção da mensagem

---

<sup>184</sup> CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***, n. 15. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html), com acesso em 30 de agosto de 2011.

evangélica, preparação que pode ser informada com a caridade divina por Aquele que veio para salvar o mundo<sup>185</sup>.

Fato importante a considerar, ainda no contexto do Concílio Vaticano II, foi a abolição do *Index* de livros proibidos, em 14 de junho de 1966. No documento de “notificação”, pode-se ler:

Después de la Carta Apostólica *Integrae servandae*, dada Motu Proprio el 7 de diciembre de 1965, han llegado a la Santa Sede no pocas consultas sobre la situación del índice de los libros prohibidos que ha venido empleándose en la Iglesia para custodiar la integridad de la fe y las costumbres, de acuerdo con el mandato divino. Para responder a las citadas peticiones, esta Sagrada Congregación para la Doctrina de la Fe, después de tratar la cuestión con el Santo Padre, declara que el índice conserva su vigor moral, en cuanto que orienta la conciencia de los fieles, para que, por exigencias del mismo derecho natural, tengan precaución ante los escritos que puedan poner en peligro la fe y las buenas costumbres; sin embargo, deja de tener la fuerza de ley eclesiástica con las censuras anejas. Por lo cual, la Iglesia confía en la madura conciencia de los fieles, especialmente de los autores y editores católicos y de quienes se dedican a la instrucción de la juventud. Pone una firme esperanza en la vigilante solicitud de los Ordinarios y de las Conferencias Episcopales, que tienen como oficio y derecho inspeccionar, prevenir y, si llegara el caso, condenar y reprobar los libros que hacen daño. La Sagrada Congregación para la Doctrina de la Fe, de acuerdo con el pensamiento de

---

<sup>185</sup> CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***, n. 15. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html), com acesso em 30 de agosto de 2011.

la carta apostólica *Integrae servandae* y de los decretos del Concilio Ecuménico Vaticano II, se pondrá en contacto, en caso necesario, con los Ordinarios de todo el mundo católico para facilitarles ayuda en el juicio de las obras publicadas, en la promoción de una sana cultura, uniendo sus fuerzas con los institutos de estudios y universidades. En el caso de que se publicaran doctrinas y opiniones contrarias a la fe y a las costumbres, y sus autores, una vez invitados con delicadeza a corregir sus errores, se negaran a hacerlo, la Santa Sede hará uso de su derecho y obligación de condenar públicamente estos escritos, con el fin de ayudar al bien de las almas. Finalmente se proveerá debidamente para que el juicio de la Iglesia sobre las obras publicadas llegue al conocimiento de los fieles<sup>186</sup>.

A partir do Concílio Vaticano II, portanto, abre-se uma nova perspectiva para as relações entre a Igreja Católica e a cultura atual, sobretudo em relação ao mundo da ciência. Disso vai resultar uma reavaliação da posição eclesial em relação a Galileu e a Teilhard de Chardin, como veremos a seguir.

## 6.1 UMA NOVA POSTURA DIANTE DO CASO DE GALILEU

O caso de Galileu representa um marco significativo na análise histórico-filosófica das relações entre ciência e fé.

---

<sup>186</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Notificación sobre la abolición del índice de libros prohibidos.** Disponível em:

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19660614\\_de-indicis-libr-prohib\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19660614_de-indicis-libr-prohib_sp.html), com acesso em 7 de setembro de 2011 (Não há versão em português disponível no site oficial da Santa Sé).

Com efeito, duas datas são de especial interesse no sentido de compreender os elementos subjetivos envolvidos nos processos de definição histórico-filosófica dos padrões de racionalidade e não-racionalidade, de que o caso de Galileu é um exemplo típico. A primeira data é 25 de fevereiro de 1616. Na folha 43v, dos Autos do Processo de Galileu, assim se pode ler:

Quinta-feira, 25 de fevereiro de 1616. O eminentíssimo Senhor cardeal Millini notificou aos reverendos Padres, ao Senhor Assessor e ao Comissário do Santo Ofício, que após relatada a censura dos Padres Teólogos sobre as proposições do matemático Galilei, afirmando que o sol é o centro do mundo imóvel de movimento local e que a terra se move também de movimento diurno, o Santíssimo ordenou ao ilustríssimo Senhor cardeal Belarmino, que chamasse a sua presença o dito Galileu para admoestá-lo a abandonar a referida opinião. E se recusasse a obedecer, o Padre Comissário, na presença de escrivão e testemunhas, faça-lhe a intimação para abster-se absolutamente de ensinar ou defender semelhante doutrina ou opinião, ou dela tratar; se pois não quizer obedecer, seja encarcerado<sup>187</sup>.

O pontificado de João Paulo II representa um novo momento das relações entre ciência e Igreja Católica. Particularmente em relação ao caso de Galileu, tem-se uma nova postura eclesial e mesmo hierárquica. Com efeito, afirma o pontífice,

se devemos reconhecer que os estudiosos de cada tempo não se furtaram aos condicionamentos culturais do ambiente, podemos também verificar que

---

<sup>187</sup> PAGANI, Sérgio M.; LUCIANI, Antônio. **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 85-86.

não faltaram geniais antecipadores e espíritos mais livres que, como São Roberto Belarmino no caso de Galileu Galilei, desejavam que se evitassem inúteis tensões e endurecimentos danosos, nas relações entre a fé e a ciência”<sup>188</sup>.

Para o autor da encíclica *Fides et Ratio* (publicada em 14 de setembro de 1998), “permanece válida, ainda hoje, a exigência fundamental de ter em conta todos aqueles progressos da ciência que dizem respeito ao homem e ao seu ambiente de vida”<sup>189</sup>. Na nota 29, da mesma encíclica, João Paulo II se utiliza, inclusive, do exemplo de Galileu para confirmar a tese de que ciência e fé não precisam estar em oposição. Embora seja a única menção explícita a Galileu em todo o texto, a passagem parece significativa e paradigmática. Eis o texto, seguido das indicações e fontes originais, conforme a mesma nota:

Galileu declarou explicitamente que as duas verdades, de fé e de ciência, não podem nunca contradizer-se, “procedendo igualmente do Verbo divino a Escritura santa e a natureza, a primeira como ditada pelo Espírito Santo, a segunda como executora fidelíssima das ordens de Deus”, segundo ele escreveu na sua carta ao Padre Benedetto Castelli, a 21 de Dezembro de 1613. O Concílio Vaticano II não se exprime diferentemente; retoma

---

<sup>188</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso por ocasião da visita à Pontifícia Universidade Gregoriana**. Roma, 15 de Dezembro de 1979. Disponível em [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1979/december/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791215\\_universita-gregoriana\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/december/documents/hf_jp-ii_spe_19791215_universita-gregoriana_po.html), com acesso em 26 de agosto de 2011.

<sup>189</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso por ocasião da visita à Pontifícia Universidade Gregoriana**. Roma, 15 de Dezembro de 1979. Disponível em [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1979/december/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791215\\_universita-gregoriana\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/december/documents/hf_jp-ii_spe_19791215_universita-gregoriana_po.html), com acesso em 26 de agosto de 2011.



mesmo expressões semelhantes, quando ensina: "A investigação metódica em todos os campos do saber, quando levada a cabo (...) segundo as normas morais, nunca será realmente oposta à fé, já que as realidades profanas e as da fé têm origem no mesmo Deus" (*Gaudium et spes*, 36). Galileu manifesta, na sua investigação científica, a presença do Criador que o estimula, que Se antecipa às suas intuições e as ajuda, operando no mais profundo do seu espírito " [João Paulo II, Discurso à Pontifícia Academia das Ciências, a 10 de Novembro de 1979: *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa, de 25 de Novembro de 1979), 6]<sup>190</sup>.

A postura de João Paulo II, em relação à ciência, parece evidenciar a abertura da Igreja para o mundo da ciência, cujas tentativas anteriores não podem ser esquecidas, sobretudo em relação à criação, já no século XVII, da Pontifícia Academia das Ciências. Veja-se esta passagem de João Paulo II, por exemplo:

Sinto-me plenamente solidário com o meu Predecessor Pio XI e com os que lhe sucederam na Cátedra de Pedro, convidando os membros da Pontifícia Academia das Ciências, e todos os sábios com eles, a fazerem "progredir, cada vez mais nobre e intensamente, as ciências, sem nada lhes pedir a mais; isto porque, neste excelente propósito e neste nobre labor, consiste a missão de servir a verdade, da qual nós os encarregamos..." (Motu proprio *In multis solacis* de 28 de Outubro de 1936, sobre a Pontifícia Academia das Ciências: AAS 28, 1936, p. 424)<sup>191</sup>.

---

<sup>190</sup> JOÃO PAULO II. **Encíclica *Fides et Ratio***, de 14 de setembro de 1998, nota 29. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio_po.html), com acesso em 10 de julho de 2011.

<sup>191</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de

Para João Paulo II, ciência e religião confluem para a busca da única verdade e, neste sentido, dissipa-se toda a divisão ou conflito. Por outro lado, ele admite que autonomia da ciência, que não precisa dar contas a mais ninguém, senão à própria verdade: “como toda a outra verdade, a verdade científica não tem, com efeito, de dar contas senão a si mesma e à Verdade suprema que é Deus, criador do homem e de todas as coisas”<sup>192</sup>. Esta passagem parece-nos bastante significativa no sentido da admissão, por parte da Igreja, da completa autonomia da ciência diante da Igreja. Neste sentido, João Paulo II corrobora a doutrina do Concílio Vaticano II que reconhece “a autonomia legítima da cultura e em particular a das ciências” (Constituição Apostólica *Gaudium et Spes*, n. 59).

A partir desta nova postura, o Papa conclui afirmando que “a colaboração entre religião e ciência moderna resulta em vantagem para uma e para outra, sem violar de nenhum modo as suas autonomias respectivas. Do mesmo modo que a religião exige a liberdade religiosa, a ciência reivindica legitimamente a liberdade da investigação”<sup>193</sup>.

É neste novo contexto discursivo, por parte da Igreja, que se pode compreender o peso da seguinte declaração de João Paulo II:

---

Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

<sup>192</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

<sup>193</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

A grandeza de Galileu é a todos conhecida, como a de Einstein; mas diferentemente deste; que nós honramos hoje diante do Colégio Cardinalício no palácio apostólico, o primeiro muito teve que sofrer — não poderíamos escondê-lo — da parte de homens e organismos da Igreja. O Concílio Vaticano reconheceu e deplorou certas intervenções indevidas: “Seja-nos permitido lamentar — está escrito no número 36 da constituição conciliar *Gaudium et Spes* — certas atitudes que existiram até entre os próprios cristãos, por não terem entendido suficientemente a legítima autonomia da ciência. Fontes de tensões e de conflitos, elas levaram muitos espíritos a pensar que ciência e fé se opõem”. A referência a Galileu está expressa claramente na nota relativa a este texto, que cita o volume *Vita e opere di Galileo Galilei* de Mons. Pio Paschini, editado pela Pontifícia Academia das Ciências<sup>194</sup>.

Dessa consciência do Pontífice Polônês, brota o surpreendente pedido de revisão, por parte da Igreja, do processo de Galileu, como se pode ler nesta passagem:

Indo além desta tomada de posição do Concílio, desejo que teólogos, sábios e historiadores, animados por espírito de sincera colaboração, aprofundem o exame do caso de Galileu e, num reconhecimento leal dos erros de qualquer lado que tenham vindo, façam desaparecer as desconfianças que este assunto opõe ainda, em muitos espíritos, a uma concórdia frutuosa entre ciência e fé, entre a Igreja e o mundo. Dou todo o meu apoio a esta tarefa, que poderá honrar a

---

<sup>194</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein.** 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

verdade da fé e da ciência, e abrir a porta a futuras colaborações<sup>195</sup>.

Para João Paulo II, a Igreja precisa novamente se debruçar em “alguns pontos que me parecem importantes para colocar de novo na sua verdadeira luz a questão de Galileu, em que as concordâncias entre religião e ciência são mais numerosas, e sobretudo mais importantes, que as incompreensões de que nasceu o conflito áspero e doloroso que se prolongou durante os séculos seguintes”<sup>196</sup>.

Antecipando-se ao texto da *Fides et Ratio*, de 1998, já em 1979, um ano após o início de seu pontificado, João Paulo II havia dito:

Aquele, que é chamado a justo título fundador da física moderna, declarou explicitamente que as duas verdades, de fé e de ciência, não podem nunca contradizer-se, “procedendo igualmente do Verbo divino a Escritura santa e a natureza, a primeira como ditada pelo Espírito Santo, a segunda como executora fidelíssima das ordens de Deus”, segundo ele escreveu na carta ao Padre Benedetto Castelli a 21 de Dezembro de 1613 (*Edição nacional das obras de Galileu*, vol. V, pp. 282-285). O Concílio Vaticano II não se exprime diferentemente; retoma mesmo expressões semelhantes quando ensina: “A investigação metódica, em todos os campos do saber, se é realizada de modo verdadeiramente científico e conforme às normas morais, não será nunca contrária

---

<sup>195</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

<sup>196</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

à fé, porque as realidades temporais e as realidades da fé têm a sua origem no mesmo Deus" (*Gaudium et Spes*, 36)<sup>197</sup>.

No discurso do Papa percebe-se o reconhecimento de Galileu não apenas no âmbito da ciência, mas no domínio da própria fé. Em outras palavras, Galileu não tem uma mensagem apenas científica a dar ao mundo, mas também uma mensagem de fé. De fato, diz João Paulo II,

Galileu manifesta na sua investigação científica a presença do Criador que o estimula, que se antecipa às suas intuições e as ajuda, operando no mais profundo do seu espírito. A propósito da invenção da luneta astronómica, escreve no princípio do *Sidereus Nuncius*, recordando algumas das suas descobertas astronómicas: "Quae omnia ope Perspicilli a me excogitati divina prius illuminante gratia, paucis abhinc diebus reperta, atque observata fuerunt" (*Sidereus Nuncius*, Venetiis apud Thomam Baglionum, MDCX, fol. 4). "Tudo isto foi descoberto e observado nestes últimos dias, graças ao 'telescópio' que inventei, depois de ser iluminado pela graça divina"<sup>198</sup>.

E o Papa não deixa de afirmar que a própria Igreja faz eco, isto é, repete, de certa forma, a mesma mensagem proclamada por Galileu, reconhecendo o espírito de humildade da matemático pisano:

---

<sup>197</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

<sup>198</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

A confissão galileana da iluminação divina no espírito do sábio encontra eco no texto já citado da Constituição conciliar da Igreja no mundo contemporâneo: “Quem, com perseverança e humildade, se esforça por penetrar nos segredos da realidade, é conduzido, embora sem o saber, como que pela mão de Deus” (*Loc. cit.*). A humildade, sobre que insiste o texto conciliar, é virtude do espírito, necessária tanto para a investigação científica como para a adesão à fé. A humildade gera clima favorável ao diálogo entre o crente e o sábio, invoca a iluminação de Deus, já conhecido ou ainda desconhecido mas amado, num caso como noutro, por aquele que investiga humildemente a verdade<sup>199</sup>.

Por fim, e o que parece mais surpreendente, João Paulo II reconhece a contribuição de Galileu para a questão da interpretação das Sagradas Escrituras a partir das descobertas da nova física. Em outros termos, a Igreja concede a Galileu sua sugestão de como se deve interpretar o texto sagrado sem desprezar as conquistas da ciência. Isso é muito importante, pois foi justamente o conteúdo das *quatro cartas copernicanas*, como vimos, e sua tentativa de propor uma nova forma de interpretação da Bíblia, que gerou todas as controvérsias de Galileu com a Igreja. Contudo, neste novo contexto histórico, a Igreja, nas palavras de João Paulo II, assim se expressa:

Galileu formulou normas importantes de caráter epistemológico, que se mostram indispensáveis para pôr de acordo a Escritura sagrada e a ciência. Na sua carta à Grã-duquesa mãe, da Toscana, Cristina de

---

<sup>199</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

Lorena, reafirma a verdade da Escritura: “A Sagrada Escritura não pode nunca mentir, sob condição todavia de que seja penetrado o seu verdadeiro sentido, que — não julgo poder negar-se — está muitas vezes oculto e é diferentíssimo daquele que parece indicar o simples significado das palavras” (*Edição nacional das obras de Galileu*, vol. V, p. 315). Galileu introduz o princípio duma interpretação dos livros sagrados, que vai além do sentido literal mas é conforme ao intento e ao tipo de exposição que são próprios de cada um deles. É necessário, como afirma, que “os sábios que a expõem mostrem os sentidos verdadeiros dela”<sup>200</sup>.

E assim conclui o Papa:

A existência desta Pontifícia Academia das Ciências, à qual Galileu foi de alguma maneira associado por meio da instituição antiga, que precedeu aquela de que hoje fazem parte sábios eminentes, é sinal visível que mostra aos povos, sem qualquer forma de discriminação racial ou religiosa, a harmonia profunda que pode existir entre as verdades da ciência e as verdades da fé<sup>201</sup>.

Também o atual pontífice, Bento XVI, parece seguir a mesma linha de orientação de João Paulo II no que diz respeito a uma noiva postura e uma nova avaliação diante do caso de Galileu. Eis algumas declarações suas que acenam para este fato:

---

<sup>200</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

<sup>201</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein**. 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

Quando se abre o *Sidereus nuncius* e se lêem as primeiras expressões de Galileu, sobressai imediatamente a maravilha do cientista pisano diante de quanto ele mesmo tinha realizado: "Neste breve tratado proponho grandes coisas escreve ele à observação e à contemplação dos estudiosos da natureza. Digo grandes, quer pela excelência da matéria em si mesma, quer pela novidade jamais escutada nos séculos, quer também pelo instrumento através do qual estas mesmas coisas se manifestaram aos nossos sentidos" (Galileu Galilei, *Sidereus nuncius*, 1610, tr. P.A. Giustini, Lateran University Press 2009, p. 89). Corria o ano de 1609, quando Galileu orientou pela primeira vez para o céu um instrumento "por mim inventado – como escreverá – iluminando-me primeiro a graça divina": o telescópio. Quanto se apresentou ao seu olhar é fácil imaginar; a maravilha transformou-se em emoção e esta em entusiasmo que lhe fez escrever: "É certamente grandioso acrescentar à imensa multidão das estrelas fixas, que com a natural capacidade visiva se puderam ver até hoje, outras inumeráveis estrelas, jamais vistas até agora e que superam mais do que dez vezes o número das estrelas antigas já conhecidas" (*Ibid.*). O cientista podia observar com os próprios olhos quanto, até àquele momento, era apenas fruto de hipóteses controversas. Não se engana quem pensa que o ânimo profundamente crente de Galileu, diante daquela visão, se tenha como que aberto naturalmente à oração de louvor, fazendo próprios os sentimentos expressos pelo Salmista: "Ó Senhor, nosso Deus, como é grande o vosso nome em toda a terra!... Quando contemplo os céus, obra das Vossas mãos, a lua e as estrelas, que Vós fixastes; que é o homem, para Vos lembrardes dele, o Filho do homem, para dele cuidardes? Contudo... destes-lhe domínio sobre as obras das



Vossas mãos. Tudo submetestes debaixo dos seus pés" (Sl 8, 1.4-5.7)<sup>202</sup>.

Ratificando a nova postura da Igreja diante do caso de Galileu, Bento XVI também reconhece que

a descoberta de Galileu foi uma etapa decisiva para a história da humanidade. A partir dela, tiveram início outras grandes conquistas, com a invenção de instrumentos que tornam precioso o progresso tecnológico alcançado. Dos satélites que observam as várias fases do universo, às máquinas mais sofisticadas utilizadas pela engenharia biomédica, tudo mostra a grandeza do intelecto humano que, segundo o mandamento bíblico, está chamado a "dominar" toda a criação (cf. *Gn 1, 28*), a "cultivá-la" e a "guardá-la" (cf. *Gn 2, 15*)<sup>203</sup>.

Em discurso proferido aos participantes do encontro promovido pelo Observatório Vaticano, por ocasião do Ano Internacional da Astronomia, em 30 de outubro de 2009, Bento XVI assim se manifestou:

O vosso encontro também coincide com a inauguração das novas instalações do Observatório do Vaticano em Castel Gandolfo. Como sabeis, a história do Observatório está ligada de modo muito real à figura de Galileu, às controvérsias que rodeiam a sua pesquisa, e à tentativa da Igreja de alcançar uma compreensão correcta e frutuosa da relação entre

---

<sup>202</sup> BENTO XVI. **Mensagem ao Reitor da Universidade Lateranense por ocasião do Congresso "Do telescópio de Galileu à cosmologia Evolutiva. Ciência, filosofia e teologia em diálogo"**. Vaticano, 26 de Novembro de 2009. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

<sup>203</sup> BENTO XVI. **Mensagem ao Reitor da Universidade Lateranense por ocasião do Congresso "Do telescópio de Galileu à cosmologia Evolutiva. Ciência, filosofia e teologia em diálogo"**. Vaticano, 26 de Novembro de 2009. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

ciência e religião. Aproveito esta ocasião para manifestar a minha gratidão, não só pelos cuidadosos estudos que esclareceram o contexto histórico exacto da condenação de Galileu, mas também pelos esforços de quantos estão empenhados no diálogo e na reflexão a decorrer sobre a complementaridade da fé e da razão ao serviço de um entendimento integral do homem e do seu lugar no universo.

Contudo, a nova avaliação da ciência, por parte da Igreja Católica, ainda demonstra o cuidado em manter a dimensão espiritual acima dos ditames científicos, como se pode verificar nesta passagem de Bento XVI: “Mas há sempre, contudo, um risco subtil por detrás de tantas conquistas: que o homem tenha confiança só na ciência e se esqueça de elevar o olhar para além de si mesmo, para o Ser transcendente”<sup>204</sup>.

## **6.2 UMA NOVA POSTURA DIANTE DO CASO DE TEILHARD DE CHARDIN**

A revisão da situação de Galileu, por parte da Igreja, abriu espaço também para a revisão do caso de Teilhard de Chardin. Neste sentido, é digna de nota a carta do Cardeal Casaroli, Secretário de Estado do Vaticano, datada de 12 de maio de 1982, ao Reitor do Instituto Católico de Paris, Monsenhor Paul Poupard, na ocasião das comemorações do centenário do nascimento do padre Pierre Teilhard de Chardin. Eis o texto integral daquela correspondência:

---

<sup>204</sup> BENTO XVI. **Mensagem ao Reitor da Universidade Lateranense por ocasião do Congresso “Do telescópio de Galileu à cosmologia Evolutiva. Ciência, filosofia e teologia em diálogo”**. Vaticano, 26 de Novembro de 2009. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

A comunidade científica internacional e, em maior escala, o mundo intelectual inteiro prepararam-se para celebrar o centenário do nascimento do Padre Pierre Teilhard de Chardin. O eco surpreendente das suas pesquisas, unido ao brilho da sua personalidade e à riqueza do seu pensamento, marcaram de modo duradouro a nossa época. Uma forte intuição poética do profundo valor da natureza, uma percepção aguda do dinamismo da criação, uma larga visão do futuro do mundo conjugavam-se nele com um fervor religioso inegável. Do mesmo modo, a sua vontade contínua de diálogo com a ciência do seu tempo e o seu otimismo intrépido perante a evolução do mundo deram às suas intuições, através do fulgor das palavras e da magia das imagens, considerável ressonância. Inteiramente orientada para o futuro, esta síntese de expressão não raro lírica e permeada pela paixão do universal terá contribuído para voltar a dar aos homens assaltados pela dúvida o sabor da esperança. Mas ao mesmo tempo, a complexidade dos problemas tratados, como a variedade das tentativas utilizadas não deixaram de levantar dificuldades, que motivam justamente um estudo crítico e sereno – tanto no plano científico como filosófico e teológico desta obra fora do comum. Nada leva a duvidar que as celebrações do Centenário no Instituto Católico de Paris ou no Museu de História Natural, na UNESCO como em Notre-Dame de Paris, não sejam, sob este ponto de vista, ocasião para um confronto estimulante, para uma justa distinção metodológica dos planos, em benefício de uma rigorosa investigação epistemológica. Certamente o nosso tempo conservará, para além das dificuldades da concepção e das deficiências da expressão desta audaciosa tentativa de síntese, o testemunho da vida unificada de um homem tomado por Cristo nas profundidades do seu ser, e que teve o cuidado de reverenciar ao mesmo tempo a fé e a razão, respondendo, como que antecipadamente, ao apelo de João Paulo II; "Não receeis, abri, abri de par

em par, as portas a Cristo, os imensos campos da cultura, da civilização e do desenvolvimento". Sinto-me feliz em lhe transmitir esta mensagem, em nome do Santo Padre, para todos os participantes no colóquio a que Vossa Excelência preside, no Instituto Católico de Paris, em homenagem ao Padre Teilhard de Chardin, e asseguro-lhe a minha fiel devoção. *Vaticano, 12 de Maio de 1982.* AGOSTINO Card. CASAROLI<sup>205</sup>.

Em outro pronunciamento do Secretário de Estado do Vaticano, por ocasião da XIX Assembleia Geral da ONU, em que se tratava da questão do meio ambiente, a Santa Sé não hesita em citar explicitamente o pensamento de Teilhard de Chardin, como confirma a passagem que segue:

Sem dúvida, seria necessário evocar aqui o Cântico das Criaturas, de Francisco de Assis, ou ainda a expressão paradoxal de um contemporâneo que não hesita em falar da "potestade espiritual da matéria" (*Teilhard de Chardin*). Ao conceder-me o privilégio de estar no meio de vós, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores, o Papa João Paulo II quis manifestar a confiança que deposita em cada um dos responsáveis dos Estados aqui representados a fim de, segundo as suas próprias palavras, abordarmos tais problemáticas "com sólidas convicções éticas, que envolvam a responsabilidade, o autocontrole, a justiça e o amor fraterno" (*Discurso à Pontifícia Academia das Ciências, 22 de Outubro de 1993, ed. port. de L'Osservatore Romano de 7 de Novembro de 1993, n. 5, pág. 4*). Todos nós devemos empreender o caminho da participação, do concerto e da perseverança<sup>206</sup>.

---

<sup>205</sup> Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/card-casaroli/1981/documents/rc\\_seg-st\\_19810512\\_chardin\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-casaroli/1981/documents/rc_seg-st_19810512_chardin_po.html). Acesso em 15 de agosto de 2011.

<sup>206</sup> Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/](http://www.vatican.va/roman_curia/)

O Papa Bento XVI, por sua vez, faz referência explícita ao pensamento de Teilhard de Chardin, que ele denomina “grande visão”, na recente homilia de 24 de julho de 2009, na Catedral de Aosta, na Itália. O aceno do Papa recai, sobretudo, num ponto crucial do pensamento de Teilhard de Chardin, quando este se refere á dimensão cósmica da fé cristã. Eis o texto original do Papa: “E a grande visão que então também tinha Teilhard de Chardin, no final, teremos uma verdadeira liturgia cósmica, em que o cosmos se torna um hospedeiro vivo<sup>207</sup>.”

Em 2009, o Vaticano realizou um congresso sobre o tema da evolução. A partir de então, uma nova posição da Igreja começa a despontar, como observa o Padre Rafael Martínez, estudioso das relações entre ciência e fé e professor de Filosofia da Ciência, na Pontifícia Universidade da Santa Cruz, em Roma:

observamos que as recentes tomadas de posição de Bento XVI sobre a ciência e sobre o seu valor estão superando a inteligência pseudo-científica, que queria pôr em xeque a Igreja como inimiga incurável do progresso. A isto se junta a iniciativa do Congresso “Evolução biológica: fatos e teorias. Uma avaliação crítica 150 anos depois de A origem das espécies”, promovido pela Pontifícia Universidade Gregoriana, no âmbito do Projeto Stoq (Science, Theology and the Ontological Quest – Ciência, Teologia e Pesquisa Ontológica) e com o patrocínio do Pontifício Conselho para a Cultura, que no período de 3 a 7 de março de

---

secretariat\_state/1997/documents/rc\_seg-st\_19970627\_tauran-onu\_po.html.  
Acesso em 26 de agosto de 2011.

<sup>207</sup> Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20090724-vespri-aosta\\_it.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090724-vespri-aosta_it.html).  
Acesso em 26 de agosto de 2011.

2009 chamou a Roma cientistas de todo o mundo para um debate científico aberto<sup>208</sup>.

Para o Padre Martínez, a Igreja entende que é uma atitude equivocada ver contraste entre a criação e a evolução, como afirma:

Ver um contraste entre criação e evolução revela uma ideia errada de criação e de Criador; e isto quer da parte de quem nega a criação, quer da parte dos que não reconhecem o fato da evolução biológica. É errado imaginar o Criador como aquele que age de uma forma física, como um arquiteto que junta as peças do mundo. A noção judaico-cristã de criação não tem apenas que ver com a origem no tempo do mundo ou das espécies; o ato criador refere-se mais à dependência radical de todos os seres ao Criador. É o próprio fato de existir, qualquer que seja a história evolutiva de um ser, que exige um fundamento em Deus Criador. Neste sentido, não há diferença entre o primeiro instante do universo ou o início da espécie humana, e este instante em que também eu sou "criado" por Deus. É uma ideia de Criador muito mais rica e interessante. É também claro que a compreensão do início temporal das espécies por meio dos mecanismos naturais da evolução não retira nada a esta exigência de dependência radical do ser<sup>209</sup>.

---

<sup>208</sup> MARTÍNEZ, Rafael. In: GARGANTINI, Mario. **O ano de Darwin: E se evoluíssemos do cientificismo?** Entrevista disponível em <http://www.pucsp.br/fecultura/textos/tecnologia/darwin.html>, com acesso em 5 de setembro de 2011.

<sup>209</sup> MARTÍNEZ, Rafael. In: GARGANTINI, Mario. **O ano de Darwin: E se evoluíssemos do cientificismo?** Entrevista disponível em <http://www.pucsp.br/fecultura/textos/tecnologia/darwin.html>, com acesso em 5 de setembro de 2011.

Quanto aos novos posicionamentos da Igreja, sobretudo dos últimos Papas, acerca da questão, o Padre Martínez assim resumo a questão:

João Paulo II considera a evolução não como uma proposta possível entre tantas outras, mas como teoria científica autêntica, ou seja, como um dos instrumentos com os quais compreendemos o mundo (ainda que, como qualquer teoria, não seja nunca definitiva, nem absoluta). [...] João Paulo II insistiu no fato de que a evolução deve ser vista como uma parte importante da ciência. Quanto a Bento XVI, já enquanto Cardeal Ratzinger, tinha falado de forma positiva da evolução, procurando até valorizá-la, para compreender melhor alguns aspectos da teologia da criação. Nas intervenções mais recentes, é visível a preocupação de que a evolução não seja vista como uma justificativa para apoiar uma visão materialista e redutora do mundo e do homem. É evidente que o fenômeno humano não é só evolução, porque não somos redutíveis apenas à componente biológica: isto é demonstrado pelo próprio fato de fazermos a pergunta sobre a nossa especificidade de homens<sup>210</sup>.

Segundo entrevista concedida pelo Arcebispo Gianfranco Ravasi, Presidente do Pontifício Conselho da Cultura, da Santa Sé, que patrocinou o congresso junto à Universidade Gregoriana, de Roma,

as relações entre ciência e fé foram turbulentas. É justo reconhecer que houve momentos negativos. Refiro-me sobretudo ao caso Galileu. No ano 2000, João Paulo II quis pedir perdão e enterrar este

---

<sup>210</sup> MARTÍNEZ, Rafael. In: GARGANTINI, Mario. **O ano de Darwin: E se evoluíssemos do cientificismo?** Entrevista disponível em <http://www.pucsp.br/fecultura/textos/tecnologia/darwin.html>, com acesso em 5 de setembro de 2011.

passado. Agora, procuramos nos orientar para o futuro. O tema este ano é a evolução. Vale a pena lembrar que a Igreja católica nunca condenou Darwin ou seus escritos (...) Em 1996, João Paulo II disse que a teoria da evolução é praticamente um consenso entre os cientistas, o que convida a um diálogo com a teologia, que naturalmente se move em um plano diferente. Por isso, patrocinamos este congresso internacional que contou com a presença de cientistas de renome que conversaram com filósofos e teólogos. Cada um segundo sua própria perspectiva<sup>211</sup>.

Sua conclusão é de que devem ser eliminados os preconceitos doutrinários, porque a evolução, em si, não apresenta nenhum conflito com a doutrina cristã, segundo o Padre Martínez. Portanto, afirma que

É importante eliminar qualquer preconceito, qualquer preocupação de que a evolução possa apresentar problemas doutrinários, porque, de fato, ela não os apresenta. Trata-se, pois, de fazer ver, também pela compreensão do caminho evolutivo, a maravilha da criação divina, a sinfonia de formas de vida que – pelas leis que Deus deu à natureza – evoluem de maneira grandiosa até produzirem um mundo com o qual podemos nos maravilhar continuamente<sup>212</sup>.

---

<sup>211</sup> RAVASI, Gianfranco. **Entrevista acerca do Congresso sobre Evolução Promovido pelo Vaticano**. Jornal O Estado, 16 de março de 2009, versão eletrônica disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/vida,e-igreja-catolica-nunca-condenou-darwin-ou-seus-escritos,339769,0.htm>, com acesso em 7 de setembro de 2011.

<sup>212</sup> MARTÍNEZ, Rafael. In: GARGANTINI, Mario. **O ano de Darwin: E se evoluíssemos do cientificismo?** Entrevista disponível em <http://www.pucsp.br/fecultura/textos/tecnologia/darwin.html>, com acesso em 5 de setembro de 2011.



Sobre o modo como se deve ler as primeiras páginas do Gênesis, sobre a criação, assim se expressa o Arcebispo Ravasi:

No Gênesis, fala-se da origem histórica da humanidade para revelar seu sentido profundo, que é meta-histórico. Fala-se do primeiro homem, não porque desejamos descrever o que aconteceu durante a evolução - não se pensava nisso quando a Bíblia foi escrita: as espécies são fixas na sua narrativa -, mas para compreender a humanidade. É uma realidade histórica que somos filhos de Adão - ou seja, todos descendemos da mesma linhagem humana -, mas a mensagem principal é meta-histórica. O relato do Gênesis procura identificar as três relações fundamentais: com o Criador, com a criação e com o próximo. A Bíblia coloca naquele personagem primordial o rosto de todos os homens. O nome Adão, em hebraico, confirma esta intenção: ha'-adam. Ha é o artigo definido "o". 'adam significa "aquele que tem a cor ocre da argila". É o Homem com "H" maiúsculo. Não é um nome próprio, mas uma representação. Trata-se de uma análise sapiencial, o que não significa uma análise teórica ou vaga. Procuro quem sou eu refletindo sobre minha origem. Mas a pergunta "quem sou eu" tem um caráter metafísico e meta-histórico. Não é uma indagação científica sobre a origem biológica do homem<sup>213</sup>.

É possível, portanto, afirma o Presidente do Pontifício Conselho da Cultura, harmonizar o relato bíblico com a teoria da evolução:

---

<sup>213</sup> RAVASI, Gianfranco. **Entrevista acerca do Congresso sobre Evolução Promovido pelo Vaticano**. Jornal O Estado, 16 de março de 2009, versão eletrônica disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/vida,e,igreja-catolica-nunca-condenou-darwin-ou-seus-escritos,339769,0.htm>, com acesso em 7 de setembro de 2011.

A evolução, quando lida do ponto de vista teológico, é a obra criadora de Deus que não compreende só um instante no qual tudo se constitui, mas um verdadeiro itinerário, assim como a história da salvação descrita na Bíblia é um percurso com diversas etapas. Dentro deste itinerário evolutivo, no surgimento do homem, há um selo singular de Deus, que costumamos chamar alma. A Bíblia só usa este termo em épocas mais tardias. De qualquer forma, é uma palavra para designar a especificidade da criatura humana. O genoma do homem é 97% semelhante ao do chimpanzé. Uma diferença genética de apenas 3% torna-se imensa quando consideramos a capacidade simbólica, estética e racional do ser humano. A teologia não pretende saber quando esta diferença surgiu dentro da trama evolutiva. Mas, quando o homem se constitui de forma vital, existe naquele momento a alma humana, com seu mistério, sua transcendência e sua capacidade de amar até a doação de si que vai muito além do instinto natural - às vezes, até a morte. Aqui começa aquela dimensão que é propriamente humana e se constitui objeto de estudo da filosofia e da teologia<sup>214</sup>.

Por fim, o Arcebispo Ravasi acena para uma nova postura das relações entre ciência e religião também sob a perspectiva da cosmologia, o antigo problema de Galileu que tentava ler na natureza os sinais do Criador:

Descobrir no interior do cosmos, não a casualidade e o caos, mas uma mensagem, é um caminho espiritual. O famoso teólogo Daniélou chamava este itinerário de

---

<sup>214</sup> RAVASI, Gianfranco. **Entrevista acerca do Congresso sobre Evolução Promovido pelo Vaticano**. Jornal O Estado, 16 de março de 2009, versão eletrônica disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,aireja-catolica-nunca-condenou-darwin-ou-seus-escritos,339769,0.htm>, com acesso em 7 de setembro de 2011.

"revelação cósmica". Todos os homens deveriam se esforçar para compreender o pergaminho que se estende do céu até a terra - a palavra secreta da própria criação. Tiro esta imagem da tradição sinagoga. Muitos homens veem o cosmos e permanecem insensíveis porque perderam a capacidade de se admirar. Contemplam o mundo com um olhar técnico, frio. Talvez por isso, violentemos a terra e escondamos os céus atrás da poluição. Precisamos fomentar a disposição que animava Pascal. Ele olhava os espaços infinitos, considerava a fragilidade humana e ficava perplexo diante de um contraste tão grande. O escritor inglês Chesterton dizia que o mundo não perecerá por falta de maravilhas - são muitas - mas por falta de admiração. A verdadeira ciência é diferente da técnica. A técnica mede. A ciência tenta compreender o conjunto dos fenômenos. O físico Max Planck escreveu: "Ciência e religião não estão em conflito, mas se completam na mente do homem que pensa de forma integral". A verdadeira ciência ajuda-nos a compreender que estamos imersos em um mistério. A priori, não vou qualificá-lo como divino, mas seguramente transcende a razão humana e a própria humanidade. Recordo a belíssima imagem de Newton que se via como uma criança que brinca na praia e descobre conchas, seixos, pedras... contudo, diante dela, abre-se o imenso oceano da realidade<sup>215</sup>.

Pode-se resumir a atual posição da Igreja, quanto à teoria da evolução, nas seguintes palavras de João Paulo II: "O Magistério da Igreja está diretamente interessado na

---

<sup>215</sup> RAVASI, Gianfranco. **Entrevista acerca do Congresso sobre Evolução Promovido pelo Vaticano**. Jornal O Estado, 16 de março de 2009, versão eletrônica disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,igreja-catolica-nunca-condenou-darwin-ou-seus-escritos,339769,0.htm>, com acesso em 7 de setembro de 2011.

questão da evolução, porque isso influi na concepção de homem”<sup>216</sup>. E mais:

Hoje, quase meio século depois da publicação da encíclica [*Humani Generis*], novos conhecimentos levam a pensar que a teoria da evolução é mais que uma hipótese. Com efeito, é notável que esta teoria se tenha imposto paulatinamente no espírito dos pesquisadores, em razão de uma série de descobertas realizadas em diversas áreas do conhecimento. A convergência, de modo algum buscada ou provocada, dos resultados dos trabalhos realizados independentemente uns dos outros, constitui por si só um argumento significativo em favor desta teoria<sup>217</sup>.

Contudo, não há como deixar de notar certa relativização da visão aberta de João Paulo II em um documento da Comissão Teológica, publicado ainda durante seu pontificado, onde pode-se ler:

A mensagem de João Paulo II não pode ser lida como uma aprovação irrestrita de todas as teorias da evolução, incluindo os de proveniência neo-darwinista que explicitamente negam à divina providência qualquer papel causal verdadeiro tiveram no desenvolvimento da vida universo. Preocupado principalmente com a evolução, uma vez que “envolve a concepção do homem”, a mensagem de João Paulo

---

<sup>216</sup> JOÃO PAULO II. **Mensagem aos membros da Pontifícia Academia de Ciência.** 22 de outubro de 1996. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/messages/pont\\_messages/1996/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19961022\\_evolutione\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1996/documents/hf_jp-ii_mes_19961022_evolutione_sp.html), com acesso em 1 de setembro de 2011 (tradução nossa).

<sup>217</sup> JOÃO PAULO II. **Mensagem aos membros da Pontifícia Academia de Ciência.** 22 de outubro de 1996. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/messages/pont\\_messages/1996/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19961022\\_evolutione\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1996/documents/hf_jp-ii_mes_19961022_evolutione_sp.html), com acesso em 1 de setembro de 2011 (tradução nossa).

II, no entanto, é especialmente crítica das teorias materialistas das origens humanas e insiste na importância da filosofia e da teologia para uma correta compreensão do “salto ontológico” para o ser humano que não pode ser explicado em termos puramente científicos. O interesse da Igreja na evolução, assim, incide em especial sobre “a concepção do homem” que, como criado à imagem de Deus, “não deve ser subordinado como um puro meio ou como um mero instrumento ou para a espécie ou para a sociedade”. Como uma pessoa criada à imagem de Deus, o ser humano é capaz de formar relações de comunhão com os outros e com o Deus trino, e exercer a soberania e governo no universo criado. Estas declarações mostram que as teorias da evolução e a origem do universo possuem interesse teológico particular quando eles tocam as doutrinas da criação ex nihilo e a criação do homem à imagem de Deus<sup>218</sup>.

Estes elementos são suficientes para perceber que houve um avanço significativo, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, na forma como a Igreja Católica se posiciona diante da teoria da evolução de Darwin e, indiretamente, diante da posição filosófico-teológica de Teilhard de Chardin.

---

<sup>218</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus**. 23 de julho de 2004. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_index\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_index_po.htm). Acesso em 6 de setembro de 2011 (tradução nossa).

## 7. PARA CONCLUIR

O presente trabalho procurou analisar as questões históricas e filosóficas que encerram o problema da relação da Igreja Católica com a ciência moderna, sobretudo no que tange à teoria heliocêntrica, defendida por Copérnico e Galileu, e à teoria da evolução, defendida por Darwin e Teilhard de Chardin.

Mostrou-se, sobretudo, a mudança de perspectiva eclesial, que partiu de uma atitude de condenação, típica da Contra-Reforma, para chegar a uma atitude de acolhimento e de diálogo, certamente ainda não em estado de perfeição, mas de construção, moldada a partir da postura Pós-Conciliar.

Esta mudança de atitude pode assim ser exemplificada nestas palavras de João Paulo II:

A Igreja tem grande estima pela investigação científica e técnica, pois estas “constituem uma expressão significativa do domínio do homem sobre a criação” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 2293) e um serviço à verdade, ao bem e à beleza. De Copérnico a Mendel, de Alberto Magno a Pascal, de Galileu a Marconi, a história da Igreja e a história das ciências mostram-nos de maneira clara como há uma cultura científica arraigada no cristianismo. De facto, pode-se dizer que a investigação, explorando ao mesmo tempo aquilo que é maior e o que é mais pequenino,

contribui para a glória de Deus que se reflecte em toda a parte do universo<sup>219</sup>.

Certamente, este trabalho não esgota a questão. Embora tenha sido feito grande esforço por recolher fontes diversas e assim reconstruir o cenário geral, que encerra as questões referentes à relação entre ciência e religião, na modernidade e em nossos dias, estamos convencidos de que o resultado final está longe de estar completo. Contudo, acreditamos que se trata de um ponto de partida que poderá servir, de algum modo, àqueles que desejarem aprofundar as temáticas aqui propostas.

---

<sup>219</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso no final da missa do Jubileu dos Cientistas.** 25 de maio de 2000. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2000/apr-jun/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000525\\_jubilee-science\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2000/apr-jun/documents/hf_jp-ii_spe_20000525_jubilee-science_po.html). Acesso em 7 de setembro de 2011.

## REFERÊNCIAS

ACTA APOSTOLICAE SEDIS, 1, 1909, p. 567ss. Disponível em:

[http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS%2001%20\[1909\]%20-%20ocr.pdf](http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS%2001%20[1909]%20-%20ocr.pdf), com acesso em 8 de setembro de 2011.

ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e cia.:** a Igreja e a evolução. São Paulo: Paulus, 1999.

BANFI, Antonio. **Galileu.** Lisboa: Edições 70, 1986.

BENTO XVI. **Mensagem ao Reitor da Universidade Lateranense por ocasião do Congresso “Do telescópio de Galileu à cosmologia Evolutiva. Ciência, filosofia e teologia em diálogo”.** Vaticano, 26 de Novembro de 2009. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

BETHENCOURT, Francisco. **História das inquisições: Portugal, Espanha e Itália: séculos XV-XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

**Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulinas, 1985.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã:** desde as origens até Nicolau de Cuza. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.



CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **A interpretação da herança da fé: o Magistério da Igreja.** Disponível em:

[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/pri ma-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/pri ma-pagina-cic_po.html), com acesso em 5 de maio de 2011.

CHÂTELET, François. **História da Filosofia: a filosofia do mundo novo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus.** 23 de julho de 2004. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti \\_index\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti _index_po.htm). Acesso em 6 de setembro de 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***, n. 5. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_coun cil/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_coun cil/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html), com acesso em 30 de agosto de 2011.

COPÉRNICO, Nicolau. **As revoluções dos orbes celestes.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies.** São Paulo: Martin Claret, 2004.

DE SANTILLANA, Giorgio. **Processo a Galileo: studio storico-critico.** [S.l.]: Arnoldo Mondadori, 1960.

ÉVORA, Fátima Regina Rodrigues. **A revolução copernicana-galileana: astronomia e cosmologia pré-galileana.** Vol 1. Campinas: UNICAMP, 1988, p. 55.

GALILEU. **Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia.** Tradução e organização: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

GAROZZO, Filippo. **Galileu.** São Paulo: Três, 1974.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GONZAGA, João Bernardino. **A Inquisição em seu mundo.** 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

GUIRAUD, Jean. **L'inquisition médiévale.** Paris: Chez Bernard Grasset, 1928.

HAYWARD, Fernand. **Que faut-il penser de l'inquisition?** Paris: A. Fayard, 1958.

JAUGEY, J. B. **Le procès de Galilée et la théologie.** Paris: Delhomme et Briguet, 1888.

JOÃO PAULO II. **Discurso à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do Primeiro Centenário do Nascimento de Albert Einstein.** 10 de Novembro de 1979. Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), com acesso em 26 de agosto de 2010.

JOÃO PAULO II. **Discurso no final da missa do Jubileu dos Cientistas.** 25 de maio de 2000. Disponível em:

[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2000/apr-jun/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000525\\_jubilee-science\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2000/apr-jun/documents/hf_jp-ii_spe_20000525_jubilee-science_po.html). Acesso em 7 de setembro de 2011.

JOÃO PAULO II. **Discurso por ocasião da visita à Pontifícia Universidade Gregoriana**. Roma, 15 de Dezembro de 1979. Disponível em [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1979/december/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791215\\_universita-gregoriana\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/december/documents/hf_jp-ii_spe_19791215_universita-gregoriana_po.html), com acesso em 26 de agosto de 2011.

JOÃO PAULO II. **Encíclica *Fides et Ratio***, de 14 de setembro de 1998, nota 29. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio_po.html), com acesso em 10 de julho de 2011.

JOÃO PAULO II. **Mensagem aos membros da Pontifícia Academia de Ciência**. 22 de outubro de 1996. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/messages/pont\\_messages/1996/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19961022\\_evolutione\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1996/documents/hf_jp-ii_mes_19961022_evolutione_sp.html), com acesso em 1 de setembro de 2011 (tradução nossa).

KOYRÉ, Alexandre. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1991.

KUHN. Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LIPINER, Elias. **Santa Inquisição**. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.

MARICONDA, Pablo Rubén e VASCONCELOS, Júlio. **Galileu e a nova física**. São Paulo: Odisseus Editora, 2006.

MARTÍNEZ, Rafael. In: GARGANTINI, Mario. **O ano de Darwin: E se evoluíssemos do cientificismo?** Entrevista disponível em <http://www.pucsp.br/fecultura/textos/tecnologia/darwin.htm> I com acesso em 5 de setembro de 2011.

MCKENZIE, John L. **Authority in the Church**. Kansas City: Sheed & Ward, 1966.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. 3 vol. São Paulo: Paulinas, 1981.

NEVES, Marcos Cesar Danhoni. **Do infinito, do mínimo e da inquisição em Giordano Bruno**. Ilhéus, BA: Editus, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. **Em torno a Galileu: esquema das crises**. Petrópolis: Vozes, 1989.

PAGANI, Sérgio M. e LUCIANI, Antônio (compiladores). **Os documentos do processo de Galileu Galilei**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PÉREZ VILARIÑO, José. **Inquisicion y constituicion en España**. Bilbao: Zero, 1973.

PIO X. **Encíclica *Pascendi Dominici gregis***. 8 de setembro de 1907. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_x/encyclicals/documents/hf\\_p-x\\_enc\\_19070908\\_pascendi-dominici-gregis\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_po.html), com acesso em 14 de julho de 2011.

PIO XII. **Encíclica *Divino afflante Spiritu***. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_xii/encyclicals/docu](http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/docu)

ments/hf\_p-xii\_enc\_30091943\_divino-afflante-spiritu\_po.html, acesso em 5 de setembro de 2011.

PIO XII. **Encíclica Humani Generis**. Roma, 1950, n. 1. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_xii/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_12081950\\_humani-generis\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis_po.html), com acesso em 8 de setembro de 2011.

POPKIN, R. H. **Isaac La Peyrère (1596–1676): His Life, Work and Influence**. Brill Academic Publishers, 1987.

RAVASI, Gianfranco. **Entrevista acerca do Congresso sobre Evolução Promovido pelo Vaticano**. Jornal O Estado, 16 de março de 2009, versão eletrônica disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,a-igreja-catolica-nunca-condenou-darwin-ou-seus-escritos,339769,0.htm>, com acesso em 7 de setembro de 2011.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. 5 vol. São Paulo: Loyola, 1993.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. 3 vol. São Paulo: Paulus, 1990.

RESTON JR., James. **Galileu, uma vida**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1995.

ROSSI, Paulo. **A filosofia e a ciência dos modernos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.

ROTH, Cecil. **The Spanish Inquisition**. New York: Norton, 1964.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ.  
**Notificación sobre la abolición del índice de libros prohibidos.** Disponível em:

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19660614\\_de-indicis-libr-prohib\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19660614_de-indicis-libr-prohib_sp.html), com acesso em 7 de setembro de 2011.

SOBEL, Dava. **A filha de Galileu: um relato biográfico de ciência, fé e amor.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOCCORSI, Filippo. **Il processo di Galileo.** 2. ed. Roma: La Civiltà Cattolica, 1963.

TARNAS, Richard. **A epopeia do pensamento ocidental.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.



Campanha Nacional de Escolas da Comunidade  
Faculdade Cenecista de Campo Largo  
Rua Rui Barbosa, 541 - Campo Largo – PR  
[www.facecla.com.br](http://www.facecla.com.br)